

ANEXO I – Resumos

Resumo 1

PRÁTICA ESPORTIVA E MEIO AMBIENTE: A INTERAÇÃO ENTRE LAZER E PRAZER

Taise Soares da Costa
Sidney Ferreira Farias

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar de que forma ocorreu o fenômeno da sociabilidade entre os participantes de pequenos grupos que vivenciam a escalada como atividade de lazer, no tempo livre. A partir do objetivo principal foram formuladas as seguintes questões de estudo: 1. Quais os principais motivos que levaram os praticantes de escalada escolherem este esporte? 2. Qual a importância do lazer na vida dessas pessoas? 3. Como ocorre a sociabilidade neste grupo de praticantes de escalada? Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa de natureza descritivo-interpretativa, com ênfase na observação participante utilizando como instrumento para coleta de dados a entrevista semi-estruturada.

INTRODUÇÃO

O homem tem buscado conquistar seu bem estar pessoal e social, através das mais variadas formas de atividades físicas. Esta incidência diversificada possui causas historicamente complexas que foram evidenciadas e vividas de acordo com o modelo social que influenciou cada época, dando margem a diversas interpretações que possam justificar o que está sendo vivenciado na contemporaneidade. O cenário atual nos mostra explicitamente a necessidade fundamental da prática de atividades físicas e que estas tem-se realizado, em larga escala, junto à natureza.

Nesta busca intrínseca pelo bem estar que nos remete ao retorno a ambientes naturais, conseguimos enxergar o surgimento de modalidades esportivas vinculadas à natureza capazes de transportar o homem para o seu desafio em questão, propondo uma situação de jogo e de aventura, com “riscos calculados” (Costa, 2000), mas que possam colocar como foco central a sua própria vida, tendo como objetivo principal melhorá-la, harmonizá-la e até, imortalizá-la.

Os esportes de aventura crescem no âmbito nacional, desencadeando novas propostas de lazer e de atividades físicas ao homem urbano. É através de modalidades esportivas em contato com a natureza que o homem aprende a lidar com situações imprevisíveis, com ambientes desconhecidos, sendo obrigado a interagir com este cenário e com isso amadurecer como ser humano, possibilitando uma reformulação pessoal que se transporta para o seu convívio social. Destaca Krebs apud Hutchison (2000, p.33) que, “o ser humano é visto como parte implícita do mundo natural, conectado indissociavelmente ao seu funcionamento, as suas operações e, em última análise, ao seu destino.” Nesta visão, o que antes poderia destacar-se como diversão, lazer e aventura, pode-se considerar como necessidade substancial a vida.

Os esportes de aventura ligados à natureza estão sendo amplamente praticados no Brasil. Em decorrência, surgem novas tendências esportivas que primam inusitar ainda mais o sentido pitoresco de aventura envolvido nessas práticas. Enquanto praticado como lazer, os esportes de aventura proporcionam sensações indiscutivelmente prazerosas, porém estas sensações são vivenciadas na maioria das vezes de maneira individual e dissociada de um objetivo mais concreto a não ser o da própria sensação. Porém, se estas atividades são desenvolvidas em grupos, as mesmas atividades individuais, farão parte de um contexto interdependente necessário para que ocorra a integração uns com os outros e a interação com o meio em que se pratica a atividade, a natureza. Teves (2000, p.45), afirma que “esse interesse está vinculado ao sentido de viver, de continuar vivo, participando, trocando, interagindo e, acima de tudo incorporando-se a um grupo”.

Embora exista algo, de fato, estruturado que viabilize a participação de competidores nas modalidades esportivas de aventura, surgiu a inquietação e o interesse de questionar como essas pequenas tribos (Maffesoli, 1998) esportivas foram formadas e os processos pelos quais se mantiveram unidos na mesma atividade esportiva.

OBJETIVOS E QUESTÕES DE ESTUDO

Este estudo tem como objetivo principal investigar de que forma ocorreu o fenômeno da sociabilidade entre os participantes de pequenos grupos que vivenciam a escalada como atividade de lazer, no tempo livre. A partir do objetivo principal foram formuladas as seguintes questões de estudo para nortear o processo investigativo:

ANEXO I – Resumos (cont.)

- 1- Quais os principais motivos que levaram os praticantes de escalada escolherem este esporte?
- 2- Qual a importância do lazer na vida dessas pessoas?
- 3- Como ocorre a sociabilidade neste grupo de praticantes de escalada?

JUSTIFICATIVA

A relevância científica da pesquisa se prende ao fato de desenvolver um estudo exploratório a partir de esportes realizados em meio à natureza e de permitir a contribuição para o desdobramento em várias outras pesquisas sobre a temática em questão.

A investigação sobre o tema esportes radicais – lazer - natureza, tem tomado corpo a partir da década de 80 quando se passou a conceber o lazer como tempo propício para recuperação da força de trabalho, sendo necessário aos indivíduos envolvidos com o processo produtivo. Estando inserido nesse meio, o homem passou a vislumbrar possibilidades das mais diversas de buscar preencher lacunas pessoais através de atividades em grupo desenvolvidas de forma interativa com outros grupos, compartilhando e principalmente vivenciando o sentir, de todas as maneiras que seu corpo, mente e espírito conseguem ser envolvidos por diferentes sensibilidades.

Buscar este conhecimento no âmbito da Educação Física favorece uma gama de informações, indagações e sugestões para temas verdadeiramente atuais e necessários à vivência social, como saúde, esporte, lazer, ecoturismo, sociabilidade, corporeidade entre outros.

Particularmente, percebemos ser importante que o profissional de Educação Física esteja atualizado a respeito desta tendência atual, que se preocupa mais com a manutenção, que com os limites do Ser e, em sua maioria, enxerga a longevidade e não apenas a performance. Tais informações poderão suscitar novas questões de estudo a serem investigadas, bem como poderão oferecer um instrumental básico para melhor compreender a temática de aventura em práticas esportivas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

AMBIENTE E BEM-ESTAR

Os temas relacionados ao estudo da área ambiental são hoje, uma constante nas mais diferentes vertentes da sociedade moderna. Os estudiosos, o indivíduo comum, as crianças, enfim, toda a sociedade, estão aprendendo a olhar o ambiente de forma realista e ligada à teia da vida. Tendo como respaldo as preocupações com o caminho adotado nas décadas anteriores é que se alicerçam os estudos e as buscas de melhorar a atitude ao uso e desuso do mundo natural, pelo homem.

Não se pode alicerçar o conhecimento científico em teorias que circulam em cima de fatos gerando a deteriorização do homem e do meio em que ele vive, mas a partir das construções e evoluções de uma readaptação ao meio e a ele mesmo. Devemos mostrar os hábitos pelos quais são benéficas estas modificações. Adaptar-se, significa genericamente mudar, evoluir para sobreviver e, tendo em vista esse ponto de partida podemos estabelecer novos hábitos e critérios de sobrevivência mútua entre o ser e o meio ambiente que alicercem sua condição ótima de bem-estar.

A indiscutível preocupação de analisar a degradação ambiental, é uma constante nos meios científicos e expande-se para toda a sociedade industrial. Nunca se preocupou tanto em viver bem, mas em contrapartida, nunca se produziu tanta degradação ao meio, ao passo de uma discussão mundial para a conscientização de providências a esta sobrevivência. Estamos vivendo e sentindo a transformação orgânica, física, natural e diria estrutural, que promove um “plug” de modificações intra e extra corpóreas, que nos fornecem conhecimentos favoráveis a uma reflexão sobre a necessária melhoria no ser vivo atualmente.

Ao tentar apresentar subsídios teóricos para associar um possível entendimento do significado e a importância dos elementos do ambiente, na vida dos seres humanos, se faz necessário esclarecer que a vegetação é parte integrante da natureza do homem. Ela é um dos complementos do ambiente natural e que este é parte de uma rede viva. Uma teia ligada num ambiente maior e cuja estabilidade tende a ser abstraída de forma universal.

Estar vivo nesta rede viva, trata-se não só apenas de reproduzir meios favoráveis as sensações cotidianas, mas está intimamente relacionada a viver em plenitude total da vida e com a vida. Entender as prioridades biológicas e fisiológicas em função das necessidades sociais, econômicas e culturais é estar consciente de que estamos sobre o controle das reações que nos envolvem e que aprendemos a compreender o processo pelo qual

ANEXO I – Resumos (cont.)

somos incluídos nesta teia viva; podemos inclusive, prever de maneira concreta um futuro físico e social saudáveis.

Os estudos da psicologia social do ambiente tendem a mostrar o valor do mundo natural, dos lugares e dos hábitos pessoais na vida dos seres humanos. É o que pode-se abstrair dos escritos de Batenson (1987).

As razões e justificativas para o bem-estar dos indivíduos podem estar alicerçadas numa boa dieta e numa rotina de atividades físicas, sociais e culturais. Porém, a sensação de bem-estar pode, também, estar associada a reflexos de uma boa noite de sono, a uma rotina saudável no trabalho, onde a paisagem urbana é recheada de sensações plurais, estimulantes, confortantes e calmantes.

O nosso corpo interage de maneira constante com esse universo plural, desde o pequeno momento que somos apenas célula e mesmo depois quando passamos a ser apenas matéria orgânica em decomposição, porém, neste intervalo de tempo, o movimento da vida promove uma eterna troca ligeiramente imperceptível, mas real, de transformações bio-físico-químicas no ambiente ao qual fazemos parte. Transformações estas que em certo ponto se fundem em uma interdependência necessária e involuntária, visto que, a todo momento somos tomados por estímulos externos que provocam estas reações e expõem suas traduções corporalmente. Podemos expressar essa troca mútua, por exemplo, através das glândulas salivares estimuladas quando cobizamos ou, se quer, imaginamos apetitosa comida ou de repente o movimento rápido da córnea ao se contrair ou dilatar-se em ambientes muitos claros ou extremamente escuros ou quem sabe a sensação de alívio e tranquilidade ao ouvir o som das ondas e sentir o cheiro das flores. Os nossos sentidos são, nesse caso, tidos como radares, detectores de sensações, enquanto o corpo reflete a tradução aprovada ou não destas sensações.

A medida em que se percebe esta interação do homem com o meio ambiente, torna-se cada vez mais difícil dissociá-lo de uma relação de bem-estar com este. Conhecer o ambiente em que se vive é necessário para saber, pois, usufruir em cumplicidade com ele, mas de fato re-conhecer o seu próprio “intra” ambiente, é sem dúvida encontrar o equilíbrio para uma vida mais saudável e mais feliz.

A cada dia que se passa, pesquisas surgem revelando as emoções como o centro de malefícios orgânicos, porém, porque não provocar emoções positivas afim de gerar reações orgânicas benéficas ao organismos e principalmente ao ser? Diagnosticar o mal é muito fácil, porém, traduzir o benefício é revitalizador.

Para Coimbra Filho & Maia (1979), os organismos são interativos com o seu ambiente, numa razão funcional mútua. Então, fica claro que o organismo sofre influência do ambiente e também afeta o ambiente. O ambiente urbano ou natural de uma espécie inclui fatores físico químicos e também outras espécies originárias ou que vivem nesse habitat.

CORPOREIDADE E SOCIABILIDADE

Tem-se percebido atualmente uma tendência muito forte em referenciar a corporeidade para justificar a presença do corpo nos seus mais diversos ambientes e situações, de forma marcante na história pessoal e social do homem. O corpo tantas vezes alvo de laboratório para todas as ciências, volta-se para si e para o seu próprio conhecimento. A sociedade industrial fez com que o homem chegasse ao seu extremo individual e o conhecesse da forma mais competitiva que poderia existir, induzindo-o a competir consigo mesmo, ultrapassar os seus próprios limites e dilacerar seu próprio organismo para isso. Para Brohm (1978, p.59), “a sociedade atual impõe aos indivíduos um uso rigorosamente determinado de seu organismo e define as múltiplas relações que com ele se mantêm”. Embora estejamos falando em corporeidade, não se trata neste momento discutir sua conceituação, apenas mostrar como ela se expande através das diversas experiências pessoais ou não. No entanto, cabe fazer referência a Santin (1992, p.53) quando afirma que:

“a compreensão da corporeidade através de conceitos e definições de manuais precisa ser completada pela observação das imagens de corpo que se constroem no imaginário social que, em última instância, são as que determinam a vivência corporal”.

A partir do momento que o homem é considerado um produto do meio resultante de um corpo social, não se pode tratá-lo isoladamente, mesmo que este se julgue capaz de fazê-lo desta forma. Maffesoli (1998, p.104) afirma que “não se trata, exatamente, de auto-suficiência, mas de constante retroação”. Isto nos faz buscar os verdadeiros valores humanos, culturais e ambientais. É através deste valor cultural inculcido historicamente que se mostra a que ponto o homem pode ter chegado. O homem da civilização presente percebe o quanto maltratou e se distanciou da verdadeira identidade corporal e busca, com isso, como se estivesse acordando de um pesadelo, voltar aos seus verdadeiros valores, reaprendendo a viver consigo e com o ambiente ao qual ele faz parte.

ANEXO I – Resumos (cont.)

Busca-se na Sociologia o aprofundamento necessário para a compreensão do comportamento social vivenciado em grupos. Nosso contexto político social impõe um modelo capitalista em que se traduz a cada uma visão de competição estando implícita a sobrevivência acirrada pela concorrência dos diversos setores sociais. De certa forma, esta realidade nos faz crer em um individualismo inconsciente e desenfreado que está nos tornando carentes dos valores humanos. De acordo com Maffesoli (1998, p.98), “Trata-se da expressão mais simples e mais prospectiva da saturação do político e de seu suporte que é o individualismo”. A fuga desta realidade atual, nos conduz à necessidade contemporânea de resgatar esses valores humanos necessários ao convívio em grupo. A valorização dos grupos sociais tem se destacado ou não de acordo com as épocas e suas respectivas realizações sociais. A teoria da sociabilidade tem passado por reformulações causando a multiplicidade de “grupos secundários”, aos quais passa a chamá-los de tribos. É a partir deste conceito que transportamos este ideal da sociabilidade para as tribos consideradas esportivas, caracterizadas por grupos que trilham suas aventuras em ambientes naturais.

DO TEMPO LIVRE AO FENÔMENO DO LAZER

A complexidade de definição do lazer, toma diversos significados, visto que, já seja um modelo cultural de prática social interferindo diretamente no processo de desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo. Apóia a imprecisão conceitual do lazer, Lanfant (1972, p.22) que afirma:

“A palavra lazer é empregada em diferentes níveis de inteligibilidade. Ora a noção faz referência à etimologia, ora à filosofia com suas diferentes conotações, ora o lazer é apresentado como categoria científica e operatória que permite compreender os fatos sociais que se realizam na esfera do não-trabalho, ainda que este conceito seja dos mais imprecisos. [...] A palavra lazer recobre um conjunto de fatos econômicos, sociais e culturais, ao mesmo tempo subjetivos e objetivos.”

Etimologicamente, o lazer tem raiz na palavra latina “licere”, ser licito, ser permitido, dando a idéia de ausência de regras, de obrigações, de repressão.

Discute-se em Ciências Humanas, a questão que se refere ao fato do tempo livre ter aumentado no decorrer dos anos. As pessoas têm trabalho de forma autônoma e independente e estão conseguindo ter mais tempo livre. Implica dizer que nos próximos anos, existirá um grande número de pessoas em busca de atividades que preencham o seu tempo livre. Atividades estas recreativas, esportivas, turísticas, culturais, enfim, de entretenimento.

Temos tido três visões diferentes a respeito de atividades de lazer. A primeira visão mostra o trabalho como o lado sério da vida, enquanto que o lazer um substituto, isto é, quando existe. Na segunda vê-se o oposto, o lazer é considerado o grande objetivo da vida e o trabalho é apenas o meio de se chegar a esse fim. Uma terceira procura integrar o lazer e o trabalho, sendo os dois reconciliáveis, sendo cada um deles capaz de enriquecer-se mutuamente.

A luta pela diminuição da jornada de trabalho, proporcionou ao homem uma revalorização do lazer na sociedade atual. Os estudos e manifestos em prol do lazer foram tomando corpo por volta do século XIX na Europa e a partir daí surgem novas concepções sociais de se perceber e vivenciar o lazer. Hoje, sabe-se que o lazer não é apenas descanso, é um modelo cultural de prática social que interfere no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. É também um produto cultural e industrial que gera empregos, bens e serviços.

Conforme verifica-se em Dumazedier (1979), no século XIX durante o surgimento da sociedade industrial, existiu a visão importante do tempo liberado pela redução do trabalho nas indústrias. Para este autor a realidade do lazer no século XX revelou-se ainda mais complexa e mais ambígua. Parte desta complexidade pode ser observada através de fatos históricos que, em certa medida, têm causado alguma efervescência nas discussões sobre trabalho e tempo livre. De acordo com Cavalcanti (1996), pode-se pensar no lazer como um espaço/tempo no qual é possível o real desenvolvimento do indivíduo, através da produção, gestão ou usufruto de bens culturais, “em plena harmonia com a natureza, a sociedade, os outros e consigo mesmo” (p.42).

Surgido em 1880, o “panfleto” de Paul Lafargue intitulado O Direito à Preguiça, mostra um manifesto em favor dos operários de sua época e conta a mística do trabalho, que desencadeou profundos questionamentos nesta área de reflexão sobre trabalho e tempo livre (Lafargue, 1980). Veblen (1965) também contribui com a Teoria da Classe Ociosa, criticando a burguesia e a ostentação das classes abastardas às custas da exploração do

ANEXO I – Resumos (cont.)

trabalho de terceiros. Villaverde (1998, p.27) faz referência a Josef Pieper, Bertrand Russell, Sebastian De Grazia, David Riesman, destacando que “estes autores trouxeram importantes contribuições à reflexão sobre o fenômeno do lazer ao longo de seu desenvolvimento histórico”. Segundo a Carta Internacional de Educação para o Lazer elaborada pela Associação Mundial de Recreação e Lazer em 1993, lazer é considerado: “um direito humano básico, como educação, trabalho e saúde e ninguém deverá ser privado deste direito por discriminação de sexo, orientação sexual, idade, raça, religião, credo, saúde, deficiência física ou situação econômica”.

Coloca-se aqui a necessidade de aprofundar-se cada vez mais, assim como se atualizar nos conhecimentos a respeito do que representa o lazer na sociedade atual, assim como as diversas atividades de lazer oferecidas às diversas camadas sociais. Contribuir para a divulgação deste tema e discutir aspectos relativos a ele como a sociedade de consumo exacerbado e individualista, melhoram a compreensão dos possíveis problemas sociais ocasionados pela intensa força de trabalho exercida pela maioria da população mundial.

METODOLOGIA

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa de natureza descritivo – interpretativa, com ênfase na observação participante utilizando como instrumento para coleta de dados a entrevista semi-estruturada.

O grupo investigado foi composto por 5 (cinco) pessoas praticantes de escalada em rochas da região Potiguar. Essas pessoas tiveram experiências em grupo, significativamente gratificantes com a escalada e estiveram dispostas a contribuir com um diálogo aberto sobre o vivenciado.

Como fonte de dados foram utilizados documentos e o testemunho oral. Os principais documentos analisados na pesquisa foram constituídos por reportagens de jornais e tvs, fotos e sites da internet. Como testemunho oral, foram considerados os depoimentos de praticantes de escalada que atuam em rochas do Rio Grande do Norte, utilizado-se da entrevista semi-estruturada para dar ênfase no diálogo e obter depoimentos do movimento em questão.

Para se obter os dados necessários sobre a realidade investigada, foram feitos contatos com as pessoas que participaram de expedições a estas rochas designadas a prática da escalada que pudessem fornecer material necessário a nossa coleta de dados, assim como relatar suas experiências de escaladores em grupo, contribuindo para a investigação.

Para a obtenção de documentos, objetos e depoimentos de interesse da pesquisa, foi realizado um contato inicial numa conversa informal com os componentes do grupo. Em seguida foi marcada a entrevista de acordo com a disponibilidade de cada sujeito da pesquisa. Os depoimentos foram gravados e transcritos na sua forma original.

A entrevista é basicamente um diálogo intencional, onde o entrevistador, tendo como base um roteiro preestabelecido, procura obter informações a cerca de um fenômeno, de um objetivo que queira alcançar. A forma de registro utilizada foi a gravação em fita cassete, o que permite uma maior riqueza de informações para o estudo, já que, ao transcrever-se as entrevistas, há bastante atenção na transcrição íntegra, inclusive com erros lingüísticos, vícios de linguagem e gírias.

CONCLUSÕES

A pesquisa sobre o lazer em tribos esportivas, forneceu informações valiosas para a compreensão do fenômeno da sociabilidade no âmbito de pequenos grupos de escaladores. Contribuindo para uma compreensão sensível de problemas sociais como também de medidas viáveis a solução desses problemas.

Em decorrência das análises e interpretações realizadas, evidenciaram-se alguns pontos importantes que poderão possibilitar futuras discussões a respeito do lazer na sociedade contemporânea e do desenvolvimento dos esportes de aventura no Brasil. Nesse sentido, concluímos que:

1- O grupo de escaladores pesquisado revela um novo perfil social preocupado significativamente com a qualidade de vida pessoal, social e ambiental, referenciando a natureza como ponto de partida à preservação do próprio homem e sua descendência;

2- Atribuí ao lazer uma conquista necessária a este comprometimento pessoal, social e ambiental, fazendo com que os praticantes de escalada atribuam a este tempo livre momentos de contribuições individuais e coletivas, resgatando a cultura, a arte e modelando o intelecto à razões construtivas;

3- A escalada como esporte de aventura proporcionou, na visão dos praticantes, um retorno a natureza e esta presença o despertou para a sua importância, causando a reflexão de numa reciprocidade inconsciente, aliada

ANEXO I – Resumos (cont.)

a uma interdependência imperceptível da necessidade que cada um possui de interagir com o meio, visto que, vive e compartilha ações com ele.

4- A escalada favorece as relações de amizade, regadas pela simplicidade e sinceridade das relações, evidenciando a necessidade de desprender-se dos modelos individualistas incutidos na sociedade, proporcionando uma exaltação da autoconfiança, auto estima, liberdade e principalmente satisfação pessoal;

5- O crescimento exorbitante dos esportes de aventura tem proporcionado o aparecimento de profissionais não qualificados para este fim, causando um descontrole por parte das associações e federações responsáveis em restringir a quantidade e qualidade de serviços oferecidos a população;

6- Com o crescimento e divulgação dos esportes de aventura, cresce a cada dia o potencial turístico de todo o território nacional em virtude de sê-lo privilegiado em sua vasta extensão por áreas naturais propícias as mais diversas modalidades esportivas e de aventura.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALMEIDA JÚNIOR, A . R. (1998). A idéia de corpo: suas relações com a natureza e os assuntos humanos. In CAVALCANTI, C. Desenvolvimento sustentável e natureza: estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez/ Fundação Joaquim Nabuco.
- ARAÚJO, Ângela (Org.) (1997). Trabalho, cultura e cidadania. São Paulo: Scrita.
- BRONFENBRENNER, N. The ecology of human development: experiments by nature and design. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- BROHM, J. M. (1978). La investigación Del cuerpo: sublimación y desublimación repressiva. In Berthaud, G. e Brohm, J. M. (Orgs) Deporte, cultura y represión. Barcelona: Gustavo Gili S/A
- BRUHNS, H. T. (1997). Lazer e Esporte: O caso da caminhada e da corrida. In IX Encontro Nacional de Lazer e Recreação. Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR.
- _____ (1997). O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In Serrano, C. M. T. e Bruhns, H. T. (orgs) Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente. Campinas, SP: Papirus.
- _____ (1997). Introdução aos estudos do lazer. Campinas – SP /1ª Ed.
- CAMARGO, L. O . L. (1992). O que é lazer. (3rd Ed). São Paulo: Brasiliense.
- CAVALCANTI, K. B. (1996). Lazer, estilo de vida e longevidade. Movimento, 1996, 5 (2), p. 38-43.
- CAVICHIOILLI, F. Lazer e processo civilizador: uma reflexão preliminar em Norbert Elias. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer (Foz do Iguaçu – PR, 1999).
- COSTA, V. L. (2000). Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no Imaginário. 1ª ed. Manole. São Paulo – SP
- COSTA, J. P. Meio ambiente e desporto: uma perspectiva internacional. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto, 1997.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. (1992). A psicologia da felicidade (D. M. Bolonha Trad.). São Paulo: Saraiva.
- COULON, Alain.(1995). Etnometodologia. Petrópolis/RJ : Vozes.
- COULON, Alain. (1995)Etnometodologia e Educação. Petrópolis/RJ : Vozes.
- DAMASIO, A . O sentimento de si: o corpo, a emoção e a neurologia da consciência. Lisboa: Publicações Europa – América, 1999.
- DAÓLIO, j. (1995). Da cultura do corpo. Campinas: Papirus.
- DE MASI, Domenico. (2000). O ócio criativo. Rio de Janeiro: Sextante.
- DUMAZEDIER, J. (1980). Valores e conteúdos culturais do lazer. São Paulo, Sesc.
- _____ (1976). Questionamento teórico do lazer. Porto Alegre: Emma/PUC.
- FEATHERSTONE, M. (1974). O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In DEBERT, G. G. (org) Textos didáticos Nº 13, Campinas : IFCH/UNICAMP.
- FURTADO, Celso. (1999). O capitalismo global. 3 ed. São Paulo: Paz e terra.
- GARFINKEL, Harold.(1967). Studies in Ethnomethodology. Polity Press.
- GIL, A . C. (1988). Como elaborar projeto de pesquisa. São Paulo: Atlas. GUATTARI, F. As três Ecologias. Campinas: Papirus, 2000.
- HAGUETTE, T. M. F. (1992). Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis: Vozes.
- HUTCHISON, D. Educação ecológica: idéias sobre consciência ambiental. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- IANNI, Octávio. (1992). A sociedade global. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LAFARGUE, P. (1980). O direito a preguiça. São Paulo: Kairós.

ANEXO I – Resumos (cont.)

- LANFANT, M. F. (1972). Les théories du loisir. Paris:PUF.
- LEPARGNEUR, H. (1994). Consciência, corpo e mente. Campinas, SP: Papirus.
- LUDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. (1986). Pesquisa em educação abordagens qualitativas. São Paulo: EPU.
- MAFFESOLI, M. (1998). O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Apresentação de Luiz Baeta Neves, tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel – 2.ed – Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MARCELINO, N. C. (1983). Lazer e humanização. Campinas, SP: Papirus.
- MARCELINO, N. C. (1996). Estudos do lazer: uma introdução. Campinas, SP: Autores Associados.
- _____ (1995). Lazer e educação. Campinas – SP/ 3ª ed. : Papirus.
- MARTIN, Hans-Peter, SCHUMANN, H. (1999). A armadilha da globalização: o assalto à democracia e ao bem – estar social. 5. Ed. São Paulo: Globo.
- Montanhismo. www.webventure.com.br
- Montanhismo. www.adventure.com.br
- MORAIS, R. Ecologia da mente. Campinas: Editorial Psy, 1993.
- MOREIRA, W. W. Qualidade de Vida: complexidade e educação. Campinas: Papirus, 2001.
- MOREIRA, W. W. e SIMÕES, R. (org.) Esporte como fator de qualidade de vida. Piracicaba: Editora Unimep, 2002.
- MOUNIER, E. O personalismo. Lisboa/ São Paulo: Duas cidades, 1964.
- NAHAS, M. V. Atividade Física, saúde e qualidade de vida. Londrina: Midiograf, 2001
- NUNES, Alceu Chiesorin (1998). Subindo paredes. Revista Super Interessante. Edição: Março/ São Paulo.
- REQUIÃO, C. (1991). Manual do excursionista. São Paulo: Nobel.
- RICHARDSON, R. J. (1985). Pesquisa Social, métodos e técnicas. São Paulo: Atlas
- SANTAREM, J. M. Hipertrofia muscular: aptidão física, saúde e qualidade de vida. < www.saudetotal.com.br > nov. 98.
- SANTIN, S. (1994) Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: Sulian
- SANTIN, S. (1992) Perspectivas na visão da corporeidade. In Wagner W. Moreira (org.). Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus.
- SEABORG, E. & DUDLEY, E. (1994). Hiking and Backpacking. Champaing: Human Kentics.
- SERRANO, C. M. T. & BRUHNS, H. T. (1997). Viagens a natureza – turismo, cultura e ambiente. Campinas, SP: Papirus.
- TEVES, N. F. Olhares sobre o corpo e imaginário social. In: VOTRE, S. et al. Imaginário & representações Sociais em Educação Física, esporte e lazer. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2001.
- Super Interessante . Subindo paredes. Ano 12, nº 3, março – 1998).
- TUBINO, M. S. G.(1992) Dimensões Sociais do Esporte. São Paulo: Cortez: Autores Associados.
- VEBLEN, t. (1965). Teoria da classe ociosa. São Paulo: Biblioteca Pioneira.
- WESTERN, D. (1995). Definindo ecoturismo. Ecoturismo – um guia para planejamento e gestão. São Paulo: SENAC.

Resumo 2

O PRAZER E O APRENDER JUNTO À NATUREZA: UMA INTER-RELAÇÃO SOCIOPEDAGÓGICA EM PRÁTICAS DE LAZER NO HORTO DE DOIS IRMÃOS.

Sandra Cristhianne França Correia - Acad. - NIEL-DEF-CCS-UFPE

Gilberto Miranda Barbosa - Acad - NIEL-DEF-CCS-UFPE

Tereza Luiza de França - Profª. Dda. - NIEL-DEF-CCS-UFPE/UFRN

Projeto de Extensão, desenvolvido no Horto de Dois Irmãos-PE, numa perspectiva interdisciplinar empreende ações de caráter sócioeducativo, as quais tratam temáticas sobre a natureza e a expressão corporal como linguagem. Numa dialética, com diferentes tipos de linguagem, como a literária, geográfica, histórica, ambiental, realiza práticas lúdicas, no domínio do lazer, tomando como estratégia trilhas pedagógicas nos espaços ecológicos do Horto. Objetiva desenvolver vivências explorando movimentos de expressão da corporeidade com abordagens necessárias às intervenções como processo de viver o meio ambiente. Com efetiva ação inovadora, favorece o processo de transformação social da comunidade envolvida no projeto.

ANEXO I – Resumos (cont.)

No panorama nacional e internacional evidenciam-se esforços e avanços que permitem reconhecer, nas relações em sociedade, a necessidade de se buscar na produção e apropriação de saberes, respostas às exigências impostas pelos campos em expansão, a saber: educação, saúde, trabalho e lazer. Este desenho, em nível nacional, pela política de formação de profissionais, é também demonstrado pelo novo ordenamento legal - as normas instituídas nas Diretrizes Curriculares.

Nesta conjuntura, as universidades vêm empreendendo esforços acadêmicos para superar equívocos e romper com visões reducionistas que fragmentam saberes. Estas iniciativas tomam como ponto de reflexão e/ou argumentação as exigências colocadas pelas amplas transformações sociais, as quais impõem à esta política buscar legitimidade e legalidade para refletir e redefinir todo processo formativo.

A diversidade e complexidade revelam que a história da humanidade é constituída por diferentes concepções ditadas e asseguradas em cada momento histórico. Dos efeitos desse ir e vir da história são impostas exigências, a partir do progresso científico, educacional e tecnológico que criam e propiciam avanços significativos para a melhoria da qualidade de vida, provocam, também, dialeticamente trágicas conseqüências, ao homem, que o aproxima ou o distancia do outro e faz presente e atuante no mundo.

Nessa dimensão, é possível tratar problemas reais resultantes do interior das comunidades, contribuindo para a transformação da sociedade, através das relações entre a comunidade acadêmica e a comunidade em geral, ampliando os horizontes de intervenção que consolidem a integração da universidade-sociedade. Ações, inovadoras e comprometida com o processo de humanização. Cabendo destacar, a necessidade de parcerias, na qual a participação de instituições, privadas ou públicas, entidades e órgãos de fomento à pesquisa, flexibilidade curricular com iniciativas envolvendo diferentes disciplinas e que evidenciam princípios de construção de um mundo mais justo e digno para a maioria da população.

Tematizamos vivências lúdicas sobre a natureza e a expressão corporal como linguagem, com diferentes tipos de linguagem, como: literária, geográfica, histórica, ambiental, tendo como estratégia as trilhas pedagógicas nos espaços ecológicos do Horto de Dois Irmãos em Recife-PE.

Nas trilhas refletimos sobre as relações que se estabelecem entre o homem e a natureza, no sentido de redimensionar o fazer cultural, revelando os desequilíbrios na má distribuição de renda, na exploração do solo, no enfurnar os brônquios planetários (as florestas), nas violências dos grandes centros urbanos, na desigualdade étnico/social, nas descobertas das doenças emergentes (HIV, malária, síndrome do pânico).

As praticas lúdicas são desenvolvidas integrando ensino-pesquisa-extensão e, além do aprendizado de explorar e preservar o meio ambiente, ampliam-se as relações, interações e formas de comunicação, tomando o elemento lúdico como expressão da corporeidade, ajudando a criança sentir-se cada vez mais segura para expor dúvidas e curiosidades, podendo apreender, com descobertas, experiências vividas, a diversidade cultural a qual vive. Sem dúvida, é uma ação inovadora que favorece o processo de transformações na comunidade envolvida no projeto.

As aprendizagens e experiências favorecem também, o exercitar do pensamento com curiosidade, interesse e crítica, contribuindo para a formação dos acadêmicos e das crianças, pela incorporação de saberes adquiridos em atividades de lazer junto à natureza, dimensionando efetivamente na vida e pela vida, ao colocar situações problematizadoras, para buscar respostas que possam indicar soluções aos problemas sócioeducativos, articuladas às práticas sociais reais.

O processo é vivido numa intensa atividade interna e externa ao Horto e a UFPE, que permite a construção de aprendizagens significativas e estabelecem relações entre novos saberes o que tem ampliado o horizonte de conhecimentos prévios, diferenciando as diversas funções e novas informações.

Nessas práticas, portanto, criam-se condições para desenvolver convivências, de ser e estar com os outros com aceitação e de auto-aceitação; respeito e auto-respeito; confiança e autoconfiança, permitindo acesso simultâneo aos amplos conhecimentos da realidade, tendo como eixo o ludicidade como expressão da corporeidade.

Nestas perspectivas, tratar o elemento lúdico nas práticas junto à natureza, significa desencadear um processo de conscientização através de práticas que materializem ações, como incorporação crítica e criadora e não como justaposição de informações ou de prescrições superadas.(França, 1999)

É no bojo dessa dimensão as trilhas sociopedagógicas são vividas com 160 crianças de 7 a 14 anos, estudantes das escolas vinculadas ao Parque de Dois Irmãos-Recife/PE e visitantes desse espaço ecológico.

Como resultados destacamos que, efetiva atitude interdisciplinar tem contribuído com elementos teórico-práticos na construção do arcabouço científico-metodológico para a Educação Física, Esporte, Lazer; mantemos intercâmbios concretizando políticas sociais na perspectiva do lazer; estimulado ações de extensão no interior do

ANEXO I – Resumos (cont.)

Curso de Educação Física-UFPE; as vivências, especificamente trilhas sociopedagógica, tem a apreensão e incorporação de novos e qualitativos saberes.

A proposta está sustentada a partir dos seguintes pilares metodológicos:

1. Vivências no meio ambiente, com manifestações expressas das mais diversas formas, desde a caminhada a criação de movimentos, dentre outros, saltar, girar, transportar, trepar, segurar, arremessar, contempla até as reflexões e discussões acerca da utilização da natureza.
2. As práticas corporais, tomadas como um fenômeno social abrangente, impregna-se dessas discussões e revela novas formas e relações com espaço ecológico instáveis, improváveis e inusitados.

Portanto, é nesta direção que apontamos possibilidades da articulação educação, meio ambiente, educação física, lazer, mediadas pelos estudos da corporeidade e da expressão da ludicidade.

Pois, como afirma Brunhs(1997) “...determinadas sensibilidades podem nos conduzir a formas diferenciadas de comunicação com a natureza, esta não vista em oposição, mas onde a relação corpo/universo se insere.”

Neste diálogo entre o homem e o mundo, Tamboer (1979), vem expressar suas idéias sobre o movimento não significar mudanças de lugar das partes do corpo, mas pessoas se movimentando em algum lugar, Escreve o autor, “é tanto para crianças, como para adultos, uma forma de existência, onde se tem os próprios valores e onde o homem (durante uma vida) pode realizar-se e expressar-se”.

Ao andar pelas matas, dunas, caatingas, mangues, mares... ao realizar as trilhas, estaremos em busca da preservação da vida, em busca de um sentido para o futuro, em busca de encontrar caminhos para as novas gerações. Portanto, encontrar possibilidades para desenvolver a educação ambiental é estar consciente para preservação do planeta e assim para sobrevivência da espécie humana.

O conhecimento adquirido nestas práticas de aventura, em nosso caso, a trilhas sociopedagógicas, propõe a aquisição de saberes para refletir sobre as mudanças provocadas no seio da Nossa Mãe Natureza e as conseqüências causadas por toda uma exploração de matérias primas para satisfazer um sistema econômico desprovido de razões mais humana-ecológica-social-planetária. Como também, instrumentaliza os participantes para práticas em seu tempo de lazer, para além das vividas junto ao projeto.

A partir dessas referências, estruturam-se as vivências lúdicas com a sistematização metodológica para o desenvolvimento do projeto, com planejamento participativo, indica realizar vivências no meio ambiente a partir da expressão corporal como linguagem, da construção do ambiente das situações de movimentos, tendo o lúdico como categoria central do trabalho e o resgate da cultura local.

Tomamos por base categorias centrais, como: auto-organização, criatividade, novas aprendizagens sociais, cooperação, descobertas, ampliação de práticas junto à natureza.

Ao término de cada trilha, o coletivo expressa verbalmente e/ou através da linguagem artística o sentido e o significado daquela vivência para sua vida. Com o uso de um protocolo são registradas as expressões, como também, dentro dos limites financeiros para o desenvolvimento do projeto, são registrados através de filmagens e fotografias, cada trilha realizadas para posterior divulgação e referências de (re)definição das atitudes acadêmicas junto ao projeto.

A seguir, indicamos a temática ecológica vivida a cada mês, durante as trilhas sociopedagógico:

- 1 – 06/2002 MEIO AMBIENTE: CONHECER PARA PRESERVÁ-LO
- 2 – 07/2002 - PROTEÇÃO DAS FLORESTAS
- 3 – 08/2002 - A NATUREZA E O FOLCLORE
- 4 – 09/2002 - ESTAÇÃO DAS FLORES
- 5 – 10/2002 - EDUCAÇÃO AMBIENTAL
- 6 – 11/2002 - O HORTO E A QUALIDADE DE VIDA
- 7 – 12/2002 - PAU-BRASIL E A BIODIVERSIDADE
- 8 – 01/2 003 - GRAÇAS À NATUREZA
- 9 – 02/2003 - AVENTURA NA NATUREZA

ANEXO I – Resumos (cont.)

10 – 03/2003 - ÁGUA: FONTE DA VIDA

Em síntese, os resultados apresentam indicativos teóricos que estão dando sustentação e continuidade ao estudo, a saber:

- A metodologia utilizada aponta elementos que provocam impacto social na formação profissional e na comunidade envolvida, no sentido de pertencimento em relação à espaços ecológico-cultural na cidade do Recife.
- As temáticas têm propiciado refletir, elaborar, implementar e avaliar trilhas pedagógicas com sistematizações e orientações para auto-organização e autogestão de práticas de lazer na e com a natureza pela comunidade envolvida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. Entre a ciência e a sapiência – o dilema da educação. 6ª. Edição, São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- ASSMANN, Hugo & SUNG, Jung Mo.(). Competência e sensibilidade solidária - educar para a esperança. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000
- BETTI, Mauro. Educação Física e sociedade. SP: Movimento, 1991.
- BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. 2ª. Edição., São Paulo: Cortez Editora. (Coleção questões de nossa época), 1997
- BRUNS, Heloisa Turini (Org). Viagens à natureza – turismo, cultura e ambiente. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Educação para o Lazer. São Paulo: Moderna, 1998.
- CHAUÍ, M. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. SP: Cortez, 1993.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da Educação Física. SP: Cortez, 1992.
- CORNELL, Joseph. Brincar e aprender com a natureza. SP: Companhia Melhoramentos – Editora SENAC, 1996.
- CORNELL, Joseph. Alegria de aprender com a natureza. SP: Companhia Melhoramentos – Editora SENAC, 1997.
- COSTA, Vera Lucia de Menezes. Esporte de aventura e risco na montanha – um mergulho no imaginário. SP: Manole, 2000.
- COULON, Alain. Etnometodologia e Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- FAZENDA, Ivani C. Arantes(Org.). Práticas interdisciplinares na escola. SP: Cortez, 1979.
- FERREIRA, N. T. Cidadania – uma questão para a educação. RJ: Nova Fronteira, 1993.
- FRANÇA, Tereza Luiza de. Lazer, meio ambiente e envolvimento comunitário. In: Coletânea do 11º ENAREL – Lazer, Meio Ambiente e Participação Humana, Foz do Iguaçu, PR: 1999.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa. SP: Paz e Terra, 2000
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação. Campinas, Papirus, 1994.
- GUATTARI, Félix. As três ecologias. Campinas/SP: Papirus, 1995.
- HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. SP: Perspectiva, 1999
- LICERE - Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação/EEF/UFMG, Vol. 1, N. 1, 1998.
- MARCELINO, Nelson Carvalho(). Pedagogia da Animação. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- MCLAREN, Peter. Multiculturalismo crítico. SP: Cortez. (Coleção Perspectiva, V. 3), 1999
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à Educação do Futuro. SP: Cortez, 2000.
- PIRES, Edmilson F. Corporeidade e sensibilidade: o jogo da beleza na educação física escolar. Natal.Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1999
- SOUZA, Edilson Fernandes de. Entre o fogo e o vento: as práticas de batuques e o controle das emoções. Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2001.

Resumo 3

ATIVIDADE FÍSICA E NATUREZA: ANALISANDO O HOMEM
E SEU RETORNO À ESTE MEIO

ANEXO I – Resumos (cont.)

Helena Christina Baran Gonçalves

Acadêmica de Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho trata de uma revisão de literatura sobre atividade física/esportes na/e natureza com intuito de investigar porque o homem, após ter abandonado e desmatado este meio, ter retornado ao mesmo, agora com práticas esportivas. Analisei se esta volta é porque este ambiente realmente inspira à prática ou se ele é apenas um mero pano de fundo para vender estas modalidades denominadas "radicais". Refleti também se estes esportes contribuem para a conscientização ecológica, lembrando a importância da natureza para a sobrevivência do homem, não somente como cenário esportivo.

INTRODUÇÃO

Ultimamente, pode se notar uma grande quantidade de novos esportes surgindo no meio da atividade física, saindo completamente dos padrões conhecidos, tanto motores como de suas instalações originais, são os hoje chamados Esportes de Aventura ou Esportes Radicais, que são realizados em contato com a natureza, fazendo dela não somente um cenário, um novo local de práticas esportivas, mas, dependendo da atividade exercida, seu principal equipamento.

Através deste trabalho, com embasamento em outros autores, procuro investigar o crescimento destes esportes e o que levam as pessoas à procurá-los, quais seus benefícios para os usuários e se estes esportes promovem uma consciência ecológica ou apenas utilizam a natureza como um cenário para práticas, às vezes contribuindo mais ainda para a degradação ambiental.

Apresentarei neste texto também algumas contradições que rodeiam as práticas ao ar livre, como segregação social e pagamento de taxas para participarem em algumas modalidades, como a corrida de aventura, por exemplo e como o profissional de Educação Física deve saber agir principalmente perante os apelos da mídia em torno destes esporte. E também incentivar seus alunos à consumi-los conscientemente, não apenas "prática pela prática", mas principalmente criando em seus alunos consciência ecológica, preservar para sobreviver, utilizando a natureza de maneira inteligente, para que através deste esporte incentive-se a preservação ambiental para todos os novos praticantes, não apenas consumam modismos de esporte promovidos pelo capitalismo e pela mídia esportiva.

DA MATA VIRGEM À SELVA DE PEDRA: A INFLUÊNCIA E A CONSEQUÊNCIA HUMANA SOBRE A NATUREZA

Nos primórdios da história do homem, o mesmo não só dependia da natureza como praticamente fazia parte dela. Dependia do ambiente para comer, morar, se aquecer do frio e de água para beber. Até então, estes homens eram nômades e quando os recursos daqueles lugares se esgotavam, eles migravam para outro destino, onde tudo aquilo que necessitavam para sua sobrevivência estava ao seu alcance; ele não explorava seu ambiente natural, ele aproveitava aquilo que ela já havia produzido. “Enquanto o homem dependeu, para sua subsistência, da captura de animais e da coleta de raízes, folhas, frutos e sementes, esteve limitado a viver em pequenos grupos. Essa forma de vida não permitia a especialização ou divisão do trabalho, condições essenciais para que o homem se tornasse sedentário” (HELENE & BICUDO, 1994, p. 7). Como o passar do tempo, conforme nossos antepassados iam evoluindo, eles “começaram, em várias partes do mundo, a domesticar animais e cultivar plantas, em vez de simplesmente caçá-los ou coletá-las. Por meio do controle direto sobre as espécies, o homem, com muito esforço, foi capaz de desenvolver uma fonte de alimentos mais confiável e facilmente expansível, e, assim, criar uma base segura para o avanço cultural”. E ainda cita que “foi provavelmente a revolução agrícola a responsável pelo aumento da população mundial, que atingiu cerca de 200 milhões de pessoas no tempo de Cristo e 500 milhões em 1650. É também a ela que se atribui o aparecimento dos primeiros grandes assentamentos humanos – as cidades.” (HELENE & BICUDO, 1994, p. 9).

A partir deste fato, o homem evoluiu cada vez mais, aumentou suas cidades com ajuda do comércio e deu início às grandes navegações, de onde as metrópoles obtinham a grande maioria de seus recursos e riquezas: explorando as riquezas naturais de suas colônias, como no caso do Brasil, de onde os portugueses desmataram grande parte da mata para exportarem o Pau Brasil e outras madeiras de lei, bem como ouro, animais (para utilizarem suas peles); e através dos Bandeirantes, que desbravaram a mata fechada em busca de novas riquezas e, assim, começaram a formar novas cidades em nosso país.

ANEXO I – Resumos (cont.)

Desde então, a evolução humana não teve limites. O homem, à partir do momento que percebeu possuir o domínio sobre a natureza, explorou-a sem pensar nas conseqüências. Inventou a máquina a vapor, que deu início à Revolução Industrial e ao êxodo rural, levando famílias a deixarem suas casas no campo para trabalhar nas fábricas da cidade, com a promessa (nunca cumprida) de mais dinheiro e melhor vida. Com o surgimento do capitalismo houve emprego e mão de obra barata e exploração do trabalho, visando somente o lucro, e, enquanto isso, as cidades cresciam cada vez mais, ocupando o lugar das florestas, desmatando as mesmas para ceder espaço à Selva de Pedra humana, usando sua madeira para construir casas, móveis e utensílios, a explorar rios tanto para consumo de água como para novas formas de energia (no caso da Usina de Itaipu, no Paraná, em que construíram a usina onde eram as belas Sete Quedas e inundaram quilômetros de mata virgem para a geração de energia elétrica) e também despejando lixo nas águas, queimadas para fazer pasto e poluição do ar pelas mesmas fábricas que contribuíram para o crescimento da cidade, juntamente com os carros, agora equipamento indispensável para a vida humana. “Na era moderna urbana e industrial, as pessoas passaram a associar avanços tecnológicos com melhora da qualidade de vida, inaugurando uma fase de grande consumo de mercadorias, cuja produção têm exigido volumes crescentes de recursos naturais e energéticos. Ao mesmo tempo, a degradação ambiental decorrente desses avanços foi praticamente desconsiderada” (HELENE & BICUDO, 1994, p. 11).

O homem, vivendo agora um ritmo que às vezes nem ele mesmo consegue agüentar, com vida sedentária, ocasionando doenças crônico-degenerativas, trabalho com gestos repetitivos, pressão do dia a dia, poluição do ar causando ao mesmo doenças pulmonares e muitas vezes uma vida de menor qualidade foi levado a ter o desejo de retornar a ambientes menos carregados de tanta poluição e barulho e ao mesmo tempo juntar a necessidade de atividade física para além de aliviar o stress evitar que maiores males afetassem seu organismo.

É aí que entram os Esportes de Aventura, que proporcionam aos praticantes uma sensação de “(pseudo) aventura” (MARINHO, 2001, p. 144), com riscos controlados e a tão falada "adrenalina", causando sensação de bem estar nos praticantes. Mas ao se depararem com a natureza atual, com rios e mares poluídos, o esgotamento de recursos naturais e extinção de fauna e flora, os praticantes das atividades ao ar livre se propuseram a criar incentivos para a preservação da natureza através deste esportes.

O que veremos à seguir é se isso realmente é feito na prática ou se a natureza é apenas um cenário bonito e interessante para a atividade física.

ATIVIDADE FÍSICA E NATUREZA: OS ESPORTES RADICAIS, SUA IMPORTÂNCIA, QUEM E COMO OS PRATICAM

São muitas as modalidades que englobam esta denominação de esportes, como o Surf, o Trekking (caminhada em trilhas), o Rafting (descer corredeiras em um bote ou barco), alpinismo e principalmente, as corridas de aventuras, que simulam sobrevivência dos participantes, onde os mesmos se orientam no meio de uma mata fechada com mapas e bússolas. São também muitas as contradições que envolvem este (novo) meio esportivo.

Mas o que leva às pessoas a quererem praticar exatamente este tipo de esporte, sendo que outros estão muitas vezes mais acessíveis à maioria da população? A mídia esportiva tem muito a ver com isso e o capitalismo, que procura novas formas de renda também, tendo a necessidade de adaptar, mudar, criar coisas novas para que ele sobreviva e faça com que pessoas queiram procurar essas coisas novas. Por isso anda sempre de mãos dadas com a mídia. Segundo HESLING, apud Betti, (1999), “ A televisão fornece ao telespectador a falsa sensação de contato perceptivo com a realidade, como se estivesse olhando para uma janela de vidro. Na verdade, existe entre a prática real do esporte e o que vemos na TV, um processo de mediação que se dá segundo a lógica de espetacularização que leva, em geral, à fragmentação e descontextualização do fenômeno esportivo (...) cabe agora falar em uma nova modalidade de consumo- o esporte telespetáculo”, onde, principalmente em TV à cabo, tem um chamariz muito grande atingindo seus “teleconsumidores” com propagandas que acionam mais que um sentido daquele que está acompanhando a programação, como audição e visão simultaneamente “nela se dá tudo simultaneamente: som, palavras, imagens, além do ritmo de cortes, junções, aproximações e distanciamentos” (BETTI, 1999, p. 397), em ritmo de videoclip o que dá ao consumidor uma idéia de “radicalidade” com o efeito dos cortes, pois, como Betti diz no mesmo texto, as imagens são editadas porque seria pouco interessante mostrar na íntegra um campeonato de surf com toda a demora para se pegar uma boa onda, as falhas, deixando a transmissão cansativa e monótona, por isso só são usadas imagens de ondas que deram certo, de manobras perfeitas, para justamente transmitir ao espectador a vontade de praticar aquele esporte, reforçada pelas entrevistas dos atletas.

ANEXO I – Resumos (cont.)

Este texto de Betti foi sobre uma análise da programação de um dos canais esportivos de TV à Cabo, em que as mesmas dão a maior ênfase à este tipo de esporte, dedicando programas inteiros à essas modalidades, coisa que os canais abertos não poderiam fazer em sua programação esportiva pelo curto espaço de tempo que tem para apresentar esportes variados, agradando a todos os gostos, como diz uma das chamadas deste programa “duas horas de ação sem limite; muita loucura; aventura” (BETTI, 1999, p. 396). Através desta reflexão, dá pra se ter também uma noção do público alvo atingido por esta programação, geralmente pessoas de classe média à alta, que tem condições a ter acesso à TV a Cabo a muitas vezes de praticar estes esportes, um tanto caros para a maioria da população.

Marinho, 2001, sobre as corridas de aventura afirma, que “as corridas de aventura fazem parte dos sonhos de muitos; contudo, elas parecem, de certo modo, uma prática elitista, voltando-se, muitas vezes, para uma clientela selecionada, tendo em vista que, a maioria dos participantes são médicos, engenheiros e empresários, os quais podem se dedicar aos treinamentos exigidos e têm condições financeiras para arcarem com as inscrições e com os equipamentos especializados” (p.145). Além disso Marinho também coloca que o preço das inscrições por equipe para participar de uma corrida de aventura é fora do alcance de muitos que desejam participar desta modalidade, cerca de 2.500 reais por equipe. Isso gera uma grande segregação social, onde estes esportes, na maioria das vezes fica limitado somente à aqueles que tem boas condições financeiras, já que além de pagar as taxas para participar de qualquer modalidade dessas, é exigido um mínimo em equipamentos de segurança, sem falar nos modismos que este tipo de prática também induz:

“O Treking não precisaria de mais que a disposição do praticante para ser executado. (...) contudo, pouco depois de surgir, a caminhada por trilhas virou esporte, com competições entre “trekers”. Roupas, calçados e toda uma sorte de acessórios específicos para o Treking foram criados, levando caminhante a dar uma “passadinha” nas lojas do ramo antes de entrar nas trilhas. Da mesma forma, os outros esporte ecológicos requerem algum investimento em equipamento, geralmente superior ao poder aquisitivo da maioria da população. O surf precisa, no mínimo, da prancha; a vela e o Rafting, de um barco; o vôo livre, da asa-delta; o canyoning, de cordas e peças especiais de alpinismo e assim por diante”. (INÁCIO, 1997, p.134).

A partir destas reflexões, lanço os seguintes questionamentos: será que ao praticarem estes esportes sem todos estes requisitos necessários na sociedade atual, estariam praticando Esportes de Aventura? E as atividades na natureza estão deixando de ser naturais para se tornarem comerciais? Por quê eles possuem tantas competições? Inácio tem pontos de vista interessantes sobre estas questões que valem a pena serem ressaltadas. Ele afirma que para chamar um esporte de ecológico, ele mesmo deveria se revestir de novos valores, diferentes dos que hoje o caracterizam, uma vez que a Ecologia também rompe com os valores vigentes nas sociedades tais como as conhecemos. Ele diz que estes esportes deveriam ter mais popularidade e questiona “será correto definir como ecológica uma atividade limitada a pequenas parcelas da sociedade que podem pagar por ela?” (p. 134). Na minha maneira de pensar, creio que a natureza está aí, gratuita, de acesso a todos, seria uma incoerência monopolizá-la impondo formas de modalidades esportivas, modismos esportivos para usufruir da grande possibilidade que a mesma apresenta tanto de diversão como de relaxamento.

As pessoas precisam aprender primariamente a filtrar as informações que recebem, principalmente da mídia, não absorvendo-as e agindo da maneira que a impõe, mas também aprender a curtir a natureza de sua forma simples e ainda mais prazerosa do que as impostas, como uma caminhada pelos bosques da sua cidade, relaxar em uma praia no fim de semana, apreciar o pôr do sol. São atividades gratuitas e de acesso a toda a população, sem a necessidade de equipamentos especializados, aprender a adaptar de forma consciente e prazerosa o ambiente às suas necessidades. Acredito que cada esporte e exercício praticado em lugares fechados pode ser levado para o ambiente externo, andar de bicicleta, futebol de areia, vôlei de areia, exercícios localizados e aeróbicos, caminhadas por trilhas sem necessariamente ser o treking, basta ter um pouco de criatividade de deixar a preguiça de lado.

Outro ponto que Inácio aborda é que nestes esportes não deveriam existir competições e diz que se a intenção dessas práticas é promover interação entre seus praticantes em um ambiente diferente do urbano, a competição rompe com esta possibilidade; uma vez que seus participantes estarão ocupados em sobrepujar adversários, entre os quais, o próprio meio ambiente. É isso que torna o esporte comercial, as competições, é isso que atrai pessoas, tão acostumadas a competir numa economia capitalista, acabam trazendo isso pra seu lazeres, e a competição também serve como uma forma de venda do esporte, principalmente para a mídia, valores que

ANEXO I – Resumos (cont.)

precisam ser repensados por aqueles que praticam, pois, no intuito de vencer, quem garante que nesta hora os participantes terão a tão proclamada preocupação em defender a natureza? O autor também se refere à não exigência de técnica que deveria ser o mais importante nestas modalidades.

“A técnica – seja ela na performance do praticante, seja pelos equipamentos utilizados – acaba por suplantando a própria atividade em si. O que importa, por exemplo, não é escalar a montanha, mas escalar a montanha o mais rápido, o mais ágil, mais vitorioso quanto possível. O prazer a satisfação no desenrolar deste esporte exige, como requisito, a presença determinante da técnica. Nós profissionais da área de Educação Física, estamos acostumados a encontrar pessoas que não gostam de praticar alguma forma de atividade física mais convencional, o esporte e a dança, por exemplo, pelo fato de não dominarem a técnica de tais atividades. Partindo deste fato, podemos pressupor que muitas pessoas também não se dispõem a desenvolver as práticas corporais ecológicas por não dominarem as técnicas apropriadas. Assim, tal prática deveria dispensar a obrigatoriedade de uso de aparatos e de conhecimentos técnicos”. (INÁCIO, 1997, p.134-135).

Os Esportes de Aventura tem suas contradições, assim como todos os esportes, mas ele possui peculiaridades e benefícios que levam as pessoas à praticá-los indiferente da influência da mídia. Bruhns (1999), enfatiza que “nessas atividades de aventura, há um campo semântico onde se mesclam três visões de vida e de mundo: a visão física externa (natureza, água, velocidade), a visão emotiva interna (risco, liberdade) e a visão química resultante (adrenalina)” (p. 20) . Citando MIRANDA (1999), Marinho complementa “há uma maior presença de estímulos (...) acrescentando o elemento de incerteza, podendo ser interno, ou proporcionado pelo ambiente. Esta riqueza de estímulos facilita um desenvolvimento maior dos mecanismos perceptivos, de decisão e de execução, permitindo a exploração de novas energias, novas sensações” (p. 20) Segundo POCIELLO, apud Bruhns (1999, p. 20) “destaca uma tendência na substituição de gestos envolvendo força e energia, por gestos de domínio e controle informacional do corpo, valorizando a singularidade das posturas e movimentos, estetizando a exploração curvilínea dos impulsos”. Marinho, 1999, também dá seu parecer pontuando que

“(…) as atividades outdoor, na maioria das vezes, são praticadas em grupos, dos quais fazem parte pessoas com diferentes modos de vida. Em comum elas tem a descoberta de uma nova relação com o meio natural e , até mesmo, a descoberta de sentimentos possíveis de serem vividos em conjunto. Vive-se um prazer e uma emoção compartilhada e, de certa forma, algumas diferenças (língua, raça, sexo) são apagadas por este sentimento coletivo. Talvez esta característica particular faça destas atividades uma reação à nossa atividade atual, repleta de efemeridade e superficialidade, como uma forte e criativa expressão dos diferentes grupos sociais” (p. 40).

Os esportes de aventura proporcionam sensações diferentes dos convencionais, novos padrões motores, conhecimento do seu próprio corpo e de seus limites e a cooperação entre os indivíduos do grupo, ajudando sempre o outro a seguir em frente. Por isso mesmo estes esportes não precisam, nem podem ser da maneira como a mídia os impõe, eles possuem tantos benefícios que qualquer esporte que se leve para a natureza pode causar sensações diferentes, um bem estar maior do que aqueles praticados em ambientes fechados, desde que a natureza seja devidamente respeitada. Os de aventura estão restritos à aqueles que tem maior poder aquisitivo, mas a natureza em si está ao dispor de todos, para usufruí-la, aproveitá-la e preservá-la.

ESPORTES DE AVENTURA E ECOLOGIA: ELES REALMENTE ESTÃO RELACIONADOS?

Um ponto importante a ser discutido também é se realmente esportes de aventura e ecologia se entrelaçam durante as práticas ou se é apenas um discurso de marketing para atrair novos consumidores destes novos esportes, usando o meio ambiente apenas como cenário, um pano de fundo para as práticas, neste caso, mais relevantes.

Marinho (2001, p. 144) diz que a natureza “passa a ser encarada como um mero local de atividades, cujo propósito é limitado a servir as necessidades do praticante que procura por satisfação e prazer, a natureza, levada então, à um segundo plano é redefinida como um ambiente coincidentemente útil e agradável, atrativo e conveniente para as atividades esportivas. O conhecimento e a proteção ambiental, neste contexto, parecem ser irrelevantes”. Em um outro parágrafo ela diz que nas inscrições das corridas de aventura as equipes devem fazer

ANEXO I – Resumos (cont.)

um projeto socioambiental com as comunidades que residem onde ocorrerá a competição e destaca que esta iniciativa seria mais válida se fosse feita de livre e espontânea vontade pelos participantes. A esse respeito, podemos citar Serrano (2001), que diz que este tipo de atitude os torna ambientalmente corretos “estes serão, por sua vez, identificados pelo rótulo de 'ecológico' ou por 'selos verdes', dentro de estratégias de marketing nem sempre comprometidas de fato com quaisquer mudanças socioambientais” (p. 102).

Mas, mais interessante do que se colocar em um regulamento de corrida que tal ato deve ser realizado para ganho de pontos, uma educação ecológica mais séria serviria não só para preservar o ambiente quando fossemos dar um passeio, mas criar uma consciência nas pessoas para mudar a mentalidade de que só extraímos coisas da natureza, e de que ela é um recurso finito, podendo nos deixar sem muitos elementos para nossa sobrevivência. Isso deveria começar na escola, como diz SERRANO, através de uma interdisciplinaridade, para conhecer a natureza, o que ela pode fornecer e já forneceu ao homem.

Ao Educador Físico, cabe orientar seus alunos sobre os modismos esportivos, e no caso dos Esportes Radicais, principalmente, criar uma consciência em seus alunos de que, quando eles forem fazer uma trilha, surfar, subir uma montanha, que não deixem rastros humanos (lixo), pois disso a natureza já tem seqüelas muito grandes.

Deve criar neles a idéia de se exercitarem em um lugar mais agradável sim, ao ar livre, mas com prudência, sendo que da mesma maneira de que, quando se joga bola na rua deve –se tomar cuidado para não quebrar nenhuma vidraça, na natureza deve-se cuidar para não sujá-la, não jogar dejetos em rios ou derrubar alguma árvore.

O bom senso deve prevalecer, retribuindo à natureza tudo aquilo que ela nos forneceu até hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, Mauro. TV a Cabo: Maximização do Esporte Telespetáculo. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.21, n. 1. Setembro de 1999.

BRUHNS, Heloísa Turini. Lazer e Meio Ambiente: A Natureza Como Espaço da Experiência. In: Conexões: Educação, Esporte, Lazer. Campinas, n.3. Dezembro de 1999.

BRUHNS, Heloísa Turini. Lazer e Meio Ambiente: Corpos Buscando o Verde e a Aventura. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.18, n.2. Janeiro de 1997.

CHAO, Cheng Hsin Nery. Desenvolvimento Humano no Contato com a Natureza. In: Conexões: Educação, Esporte, Lazer. Campinas, n.3. Dezembro de 1999.

DOBB, Maurice. A Evolução do Capitalismo. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

HELENE, Maria Elisa Marcondes; BICUDO, Marcelo Briza. Cenário Mundial: Sociedades Sustentáveis.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Educação Física e Ecologia: Dois Pontos de Partida para o Debate. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.18. Janeiro de 1997.

LADISLAU, Carlos Rogério. Lazer na Natureza: Um Diálogo de Espelhos. In: Conexões: Educação, Esporte, Lazer. Campinas, n.3. Dezembro de 1999.

MATIELLO JÚNIOR, Edgard; GONÇALVES, Aguinaldo. Corrida Para a Saúde: Poluição Ambiental no Coração do Problema. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.18, n.2. Janeiro de 1997.

MARINHO, Alcyane. Lazer, Natureza e Aventura: Compartilhando Emoções e Compromissos. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 22, n 2, p. 143-153. Janeiro de 2001.

MARINHO, Alcyane. Do Bambi ao Rambo ou Vice-Versa? As Relações Humanas com a (e na) Natureza. In: Conexões: Educação, Esporte, Lazer. Campinas, n.3. Dezembro de 1999.

SERRANO, Célia. A Educação Pelas Pedras. In: Motriz, v. 7, n. 1, p. 101-105. Jan-Jun 2001.

SILVA, Ana Márcia. A Dominação da Natureza: O Intento do Ser Humano. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.18, n.2. Janeiro de 1997.

ANEXO I – Resumos (cont.)

VILLAVERDE, Sandoval. Do “Ecológico” do Espaço ao Espaço do Ecológico: Lazer, Meio Ambiente e Parques Públicos Urbanos. In: Conexões: Educação, Esporte, Lazer. Campinas, n.3. Dezembro de 1999.

Resumo 4

A EDUCAÇÃO AO AR LIVRE E O APRENDIZADO SEQUENCIAL:
POSSIBILIDADES DE VIVÊNCIA NA NATUREZA

Alcyane Marinho

Doutoranda do Departamento de Estudos do Lazer

Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas (SP)

Este trabalho, de natureza qualitativa, tem como objetivo apresentar duas metodologias de educação ambiental, quais sejam: a “educação ao ar livre” (“outdoor education”) e o “aprendizado sequencial” (proposto por Joseph Cornell). Além de apresentar tais propostas, também é objetivo deste estudo apontar uma possibilidade de atuação para o profissional de Educação Física, no que se refere à experiência na natureza. Para atingir tais objetivos, a metodologia utilizada foi uma revisão de literatura acerca da temática apresentada. Desta forma, este trabalho procura contribuir para a reflexão sobre as diferentes possibilidades de vivência, atuação e aprendizado na natureza manifestadas na contemporaneidade.

É porque somos parte da cadeia, do fluxo e dos elos da vida que sempre existiu para todos nós uma “questão ambiental”. Somos seres vivos antes de sermos pessoas racionais ou sujeitos sociais. Compartilhamos a vida com outros seres da vida, somos todos o todo e a parte de uma mesma dimensão de tudo que existe. E tudo que existe parece que converge ou parece querer convergir para ela: a vida (Brandão, 1995:223).

É em sintonia com este pensamento de Brandão, exaltando a vida como valor supremo acima de tudo, que este trabalho se articulará.

Temas relacionados à natureza, cada vez mais, têm ocupado destaque nas discussões de educadores, sociólogos, políticos, religiosos, etc.

Na emergência da escassez de água; da extinção de inúmeras espécies da flora e da fauna; do superaquecimento atmosférico global, entre tantos outros agravantes diretamente relacionados ao meio ambiente, surgem inúmeras propostas que vão desde a especificidade de avançados processos alternativos para produção de energia até projetos educativos que despertem a admiração pela natureza, visando, em um sentido mais amplo, à transformação pessoal dos seres humanos.

Este trabalho se limita a discutir este último tipo de proposta, o qual tem feito parte das análises de alguns de meus estudos (Marinho, 2003a, 2003b).

Atualmente, as iniciativas e propostas educativas relacionadas ao meio ambiente ampliaram-se e diversificaram-se, sendo foco de interesses e intervenções de diferentes campos de atuação.

No que se refere, particularmente, à “educação ao ar livre” (“outdoor education”), Sorrentino (2000) mostra que a mesma já possuía inúmeros adeptos no Brasil ao longo das influências dos antigos naturalistas, escoteiros e participantes de grupos de montanhismo, caminhadas, espeleologia, acampamentos, dentre outras possibilidades esportivas e recreativas na natureza, abarcando, contudo, uma conotação de educação ambiental mais recentemente devido às intervenções de grupos envolvidos com a participação em trilhas interpretativas, caminhadas ecológicas, turismo ecológico, etc. A educação ao ar livre é um conceito que engloba inúmeras possibilidades, desde uma ascensão a altos picos, exigindo técnicas e conhecimentos específicos de escalada, até a condução de um grupo para observação e contemplação da natureza. Tal conceito se relaciona ao ambiente natural, aos processos ecológicos e à consciência ambiental. A educação ao ar livre pode ser entendida como uma metodologia de aprendizagem experiencial que utiliza todos os sentidos, cuja ênfase é o estudo das relações envolvendo pessoas e o mundo natural (Priest, 1990).

Conforme Barros (2000), o principal objetivo da educação ao ar livre é proporcionar o desenvolvimento individual, o aprendizado e a realização pessoal de cada pessoa envolvida. Enquanto um curso de educação ao ar livre ensina técnicas de escalada, canoagem, orientação/navegação e outros, o ensino dessas técnicas não é

ANEXO I – Resumos (cont.)

considerado o principal objetivo do curso. O aprendizado sobre si mesmo e sobre o mundo é a meta primordial das atividades educacionais desenvolvidas.

Atualmente, existem diversos programas de educação ao ar livre, ratificando novas possibilidades educativas relacionadas ao meio ambiente. A “educação por meio da aventura” (“adventure education”) pode ser citada como exemplo de um programa bastante utilizado, principalmente por grupos de empresários. O principal objetivo dela é procurar lidar com as relações: intrapessoal (como um indivíduo se relaciona consigo mesmo) e interpessoal (interação em um grupo, trabalhando com questões como comunicação, cooperação, confiança, resolução de conflitos, liderança, etc.). A premissa básica da educação por meio da aventura é que o contato intencional e direto de um indivíduo com desafios, riscos e experiências marcantes pode conduzir a possíveis mudanças de atitudes.

Também é possível destacar outra possibilidade de junção entre educação e natureza, qual seja: a “educação experiencial” (“experiential education”). Proposta esta em que se aprende fazendo, tendo o valor da experiência como base do aprendizado, ou seja, representa um processo no qual os indivíduos constroem conhecimentos, aprendem técnicas e adquirem valores por meio da experiência direta com a natureza.

Todas essas propostas têm sido utilizadas e defendidas de diferentes maneiras por grupos espalhados pelo mundo todo e têm trazido uma série de discussões no que se refere, principalmente, à legitimidade e à acessibilidade. O que, efetivamente, pretende-se atingir com tais iniciativas? Quem tem acesso a elas e em quais circunstâncias? Quais interesses estão em jogo?

São inúmeros os questionamentos que surgem diante de uma temática tão delicada e emergente. Dentre outras, uma crítica sobre propostas similares atreladas, particularmente, às atividades esportivas na natureza pode ser visualizada no artigo “Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos” (Marinho, 2001).

Numa perspectiva próxima a acima citada, também podem ser encontradas importantes reflexões focalizando as interfaces entre o turismo e o lazer, a partir do diálogo com profissionais de diferentes áreas de atuação (Marinho & Bruhns, 2003).

Nesse sentido, infelizmente, é possível concordar com Sorrentino (2002:91) que a expressão “educação ambiental” tem sido percebida por distintos setores da sociedade como uma atraente chave para a abertura das mais diferentes portas. Uma chave de múltiplos usos que, no primeiro momento, aproxima-nos de tudo e de todos, mas que, em seguida, vai se tornando um chavão difícil de carregar, em função das expectativas criadas em torno das soluções que se deseja encontrar.

Mais que procurar mostrar a grande complexidade de relações nas quais a educação ambiental está inserida, tal como a história, a cultura, o modo de produção, as necessidades e os desejos de diferentes pessoas e grupos sociais, o autor supracitado alerta a necessidade de visualizarmos o “ambiental” para além de um adjetivo agregado à palavra educação, mas como parte do processo educacional mais amplo, ainda que possua suas especificidades.

Como mostra (Lima, 1999), não faz sentido relacionar educação ao meio ambiente, superdimensionando o poder da educação na transformação dos problemas ambientais e tratando-a como uma nova panacéia para todos os problemas no contexto social contemporâneo. Mesmo reconhecendo a importância da educação na mudança social, é preciso tratá-la como uma entre outras práticas capazes de compor uma estratégia integrada de transformações sociais e não de forma isolada no processo de transformação das relações de poder na sociedade.

Sorrentino (1997), em seus estudos, utiliza alguns atributos apresentados na literatura, entendidos como básicos e necessários para uma formação acerca da questão ambiental. São eles: instigar o indivíduo a analisar e participar na resolução dos problemas ambientais; estimular uma visão global e crítica das questões ambientais; estimular um enfoque interdisciplinar que resgate e construa saberes; possibilitar um conhecimento interativo por intermédio de pontos de vista; e propiciar um autoconhecimento que contribua para o desenvolvimento de valores, atitudes, comportamentos e habilidades.

Nessa perspectiva, remeto-me a Bondía e sua discussão sobre o “saber experiencial” (2002:24). Segundo o referido autor, a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

ANEXO I – Resumos (cont.)

Partindo dessa perspectiva, será que as propostas educativas voltadas ao meio ambiente estariam em sintonia com esta proposta de Bondía no sentido de permitir e estimular os sujeitos a experimentar? Como nos ensina Freire (2002), ensinar não significa simplesmente transmitir conhecimentos, mas principalmente criar possibilidades para a sua própria produção reforçando, novamente, a necessidade de “experimentar” nos moldes sugeridos por Bondía, os quais me parecem bastante pertinentes.

Não se pode negar, portanto, o crescente interesse pelo segmento ecoturismo e sua multiplicidade de opções, aqui ilustradas pelas possibilidades educativas no meio ambiente; contudo, entender tal processo, visando à compreensão da busca pela interação da sociedade com a natureza não é tarefa muito fácil, requerendo, de antemão, um olhar sobre nós mesmos, atento ao que nos liga e nos separa dela.

Esse olhar implica, inclusive, em reconhecer que a simples visita à natureza nem sempre é suficiente para proporcionar aos turistas, visitantes e aventureiros empatia com outras formas de vida, bem como uma interação pessoal com elas. Daí a importância da proposta de Cornell (1997) referente a um “aprendizado seqüencial”, o qual é capaz de despertar, sutilmente, a percepção da natureza, a partir da afetividade.

Cornell (op. cit.) propõe cinco regras do ensinamento ao ar livre dirigidas a guias, monitores e educadores em geral que pretendem acompanhar algum grupo: ensine menos e compartilhe mais; seja receptivo; concentre a atenção no grupo; observe e sinta primeiro, fale depois; crie um ambiente leve, alegre e receptivo.

Os princípios básicos subjacentes a essas regras são: interdependência, complementaridade, respeito, diversidade, cooperação, flexibilidade, sensibilidade, interesse e responsabilidade.

Com base nesses princípios, o autor desenvolveu a metodologia denominada “aprendizado seqüencial”, visando a organizar as atividades, auxiliando o educador que busca por mais e melhores interações com o meio ambiente, trabalhando com a percepção dos elementos naturais. Tal metodologia é composta por quatro estágios: 1 - “Despertar o entusiasmo”; 2 - “Concentrar a atenção”; 3 - “Dirigir a experiência” e 4 - “Compartilhar a inspiração”.

Cornell, a partir dessa proposta, acredita que somente a descoberta e o desenvolvimento da afetividade poderão transformar as experiências humanas e suas relações com o meio natural. É possível que se saiba tudo sobre a natureza, porém isso, segundo o autor em questão, não é suficiente para preservá-la. É preciso que se tenha com ela uma relação afetiva, de amor, que gere o desejo de sua permanência.

Os trabalhos de Cornell têm tido repercussão no Brasil, assim como as outras iniciativas previamente citadas. Todas elas são bastante válidas e pertinentes quando se trata de uma tentativa de resgate da proximidade dos seres humanos junto ao meio ambiente, contribuindo para um repensar sobre cada um e sobre todos como parte efetiva da natureza.

Portanto, seja qual for a metodologia empregada para trabalhar com questões envolvendo a seres humanos e a natureza em um sentido educativo, a mesma deve ser feita de forma inclusiva, democrática, crítica, transformadora, ética e aberta ao diálogo com diferentes campos do conhecimento.

Como já explicitado, não é tarefa fácil entender o relacionamento sociedade/natureza uma vez que a problemática ambiental tem aumentado significativamente, devido ao deterioramento dos ecossistemas e do ambiente construído, afetando, em particular, a qualidade de vida humana e ameaçando a continuidade da vida global do planeta. As questões ambientais revelam o retrato de uma crise multidimensional, apontando a exaustão de um modelo de sociedade que produz, desproporcionalmente, mais dúvidas que respostas. Em contrapartida, as questões ambientais também procuram mostrar realidades, até então, aparentemente desconectadas, desvelando a universalidade dos problemas socioambientais contemporâneos e alertando a necessidade de promoção de mudanças que garantam, em longo prazo, a continuidade e a qualidade da vida humana.

Concordando com Ferreira (1999) que o discurso ambiental não representa somente o discurso voltado ao ambiente, abarcando também o processo social, por meio do qual ele é construído e transmitido, pode-se acreditar que para além do sensacionalismo exacerbado, muito bem ilustrado pela mídia ao se referir ao contato com elementos naturais, as inúmeras tentativas educacionais de aproximação da natureza podem trazer, de alguma forma, novas possibilidades de compreensão do momento atual que vivemos. Pois, como alerta Touraine (1998), não devemos nos adaptar passivamente a uma sociedade e a uma cultura de massa que escondem forças dominadoras, as quais, na verdade, devem ser banalizadas e combatidas.

O que está em jogo não é a defesa da ordem passada nem a aceitação da desordem presente; mas a concepção e a construção de novas formas, coletivas e individuais, de vida.

Nesse sentido, a associação da natureza à educação não é nova; porém as formas mais recorrentes e sensíveis como têm ocorrido parecem estar despertando novos e instigantes olhares, dentre os quais o dos profissionais de Educação Física. Tais profissionais podem, por meio da experiência na natureza (ou seja, fora

ANEXO I – Resumos (cont.)

das quadras de cimento, dos ginásios poliesportivos, das piscinas, dos campos de futebol, etc.), potencializar suas estratégias de ação para desenvolver, nos alunos, suas habilidades motoras, capacidades físicas e, até mesmo, muitos fundamentos esportivos específicos.

Pensando no campo da Educação Física, as corridas de orientação, por exemplo, assim como a escalada, o trekking, a canoagem e outras, podem ser utilizadas para satisfazer uma variedade de objetivos educacionais, oportunizando diferentes níveis de desenvolvimento: coletivo - habilidades cooperativas e de comunicação; pessoal - auto-estima, segurança; cognitivo - tomadas de decisão; resolução de problemas; físico - aptidão e desenvolvimento de habilidades motoras, dentre outras.

Nesse contexto, inovador e promissor, poucos têm se comprometido a oportunizar conhecimentos qualitativos para a formação profissional capacitada a atender novas demandas, aqui particularmente, aquelas ligadas à natureza.

Infelizmente, ainda são exceções as universidades as quais oportunizam aos seus alunos de diferentes áreas (aqui ilustrados particularmente pelos alunos da Educação Física) contato com conteúdos específicos relacionados à natureza e à educação, como por exemplo, as atividades de aventura. Portanto, para que esse processo de ensino-aprendizagem ocorra é preciso que os conteúdos dos cursos de formação sejam repensados e reformulados, como já foi alertado em outro momento (Marinho & Seabra, 2002).

Assim, com base nesse panorama apresentado, no qual distintos campos do conhecimento devem, necessariamente, cruzar informações, o necessário envolvimento do profissional de Educação Física não pode mais ser negado ou camuflado. As propostas aqui apresentadas podem, efetivamente, ser utilizadas pelos educadores físicos, desde que os mesmos consigam adaptá-las à especificidade de seus objetivos. E, para tanto, precisam, antes de tudo, experimentar - no sentido proposto por Bondía (op. cit.), anteriormente explicitado.

Tendo em mente que educação ambiental é um processo multissetorial e extremamente abrangente, podendo acontecer em múltiplas circunstâncias e esferas da vida, creio que tudo é válido e bem-vindo no processo educacional de construção dos próprios conhecimentos, porém é preciso que professores e instituições especializadas criem condições potencializadoras, estimuladoras e facilitadoras. Para isso, é preciso pensar o mundo como uma conexão de sistemas abertos e organizados - condição primordial para a sobrevivência humana (Duvoisin, 2002). Abertos porque tudo nele se complementa e porque suas práticas estão sempre em construção, desconstrução e re-construção, demandando, assim, uma certa ordem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Maria I. A. Outdoor Education: uma alternativa para a educação ambiental através do turismo de aventura. In: Serrano, Célia (org.). A Educação pelas pedras. São Paulo: Chronos, 2000, p. 85-110.

BRANDÃO, Carlos R. Em campo aberto. São Paulo: Cortez, 1995.

BONDIA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, jan./abr., nº. 19, 2002, p. 20-28.

CORNELL, Joseph. Brincar e aprender com a natureza. São Paulo, Senac, Melhoramentos, 1996.

CORNELL, Joseph. A alegria de aprender com a natureza. São Paulo, Senac, Melhoramentos, 1997.

DUVOISIN, Ivane A. A necessidade de uma visão sistêmica para a Educação Ambiental: conflitos entre o velho e o novo paradigmas. In: RUSCHEINSKY, A. et. al. Educação ambiental: abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed. 2002, p.91-103.

FERREIRA, Lúcia C. Conflitos sociais contemporâneos: considerações sobre o ambientalismo brasileiro. Revista Ambiente & Sociedade. Campinas: FAPESP: NEPAM: UNICAMP. Ano II, nº 5, 2º sem. 1999, p. 35-54.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 22. ed., 2002.

LIMA, Gustavo C. Questão ambiental e educação: contribuições para o debate. Ambiente & Sociedade, ano II, nº. 5, 2º. sem. 1999, p. 135-153.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. (orgs.). Turismo, Lazer e Natureza. São Paulo: Manole, 2003.

ANEXO I – Resumos (cont.)

MARINHO, Alcyane. Lazer e educação ambiental: diálogos possíveis. Anais... III Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XI Simpósio Paulista de Educação Física. UNESP, Rio Claro (SP), 2003a (no prelo).

MARINHO, Alcyane. Repensando o lúdico na vida cotidiana: atividades na natureza. In: Schwartz, Gisele M. (org.). Conduta lúdica. São Paulo: Manole, 2003b (no prelo).

MARINHO, Alcyane.; SEABRA, Luiz F. Atividades de aventura e formação profissional. Anais... 14º ENAREL - Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Santa Cruz do Sul (RS), 2002 (disponível em CD).

MARINHO, Alcyane. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas (SP): Autores Associados, v. 22, n. 2, jan/2001, p.143-153.

PRIEST, S. The Semantics of Adventure Education. Adventure Education. Venture Publishing. Pennsylvania, 1990.

SORRENTINO, Marcos. Portas, chaves e restaurantes. Anais... I Simpósio Sul Brasileiro de Educação Ambiental, II Simpósio Gaúcho de Educação Ambiental, XIV Semana Alto Uruguai do Meio Ambiente, Erechim, 2002, p. 91-99.

SORRENTINO, Marcos. De Tbilisi a Thessaloniki: a educação ambiental no Brasil. In: Pensando e praticando a Educação ambiental na gestão do meio ambiente. QUINTAS, José S. (org.). Brasília: Edições Ibama, 2000, p. 106-114.

SORRENTINO, Marcos. Educação ambiental e universidade: um estudo de caso. In: Pádua, Suzana M; Tabanez, Marlene F. (orgs.). Educação Ambiental: caminhos trilhados no Brasil. Brasília: IPÊ, 1997, p. 43-54.

TOURAINÉ, Alain. Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes. Tradução: Jaime A. Clasen e Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Resumo 5

NATUREZA,VIDA AO AR LIVRE E EDUCAÇÃO FÍSICA NO INÍCIO DO SÉCULO XX :
FRAGMENTOS DA OBRA DE GEORGES HÉBERT

Dra. Carmen Lúcia Soares
Doutora em Educação
Faculdade de Educação/UNICAMP

O propósito deste trabalho é estabelecer um diálogo com a obra de Georges Hébert, oficial da Marinha Francesa que, na primeira metade do século XX, elaborou um conjunto de procedimentos para exercitar-se o qual denominou “Método Natural”. Para a realização desta pesquisa, tomaram-se como fontes os artigos publicados no periódico Educação Physica Revista de Esporte e Saúde, que circulou no Brasil de 1932 a 1945, atribuídos a Georges Hébert, suas principais obras disponíveis no Brasil, assim como pesquisas realizadas na França sobre sua obra.

INTRODUÇÃO

Há múltiplos e diversos modos de olhar o passado, mas, talvez, exista uma certeza provisória que pode servir de guia para aquele que vai se orientar por vestígios, por escolhas feitas para o esboço do que se quer narrar: o passado não guarda verdades que serão “descobertas” inteiras; nele não estão escondidos “os” documentos preciosos, ele não é uma arca de tesouros que permitirá a grande revolução sobre um determinado tema, época, indivíduo. O passado é um tempo da memória, aquela que será evocada no presente, na luta contínua contra o esquecimento (Gagnebin, 1997). O passado não se conhece senão por aproximações feitas de escolhas, por vestígios, fragmentos cujo sentido reconstruído torna possíveis novas interpretações, outro delineamento, outro esboço sobre este tempo em que desejamos mergulhar. Isto, talvez, porque o olhar para o passado é sempre o olhar do presente, um olhar amalgamado pela experiência daquele que olha, pelas escolhas que faz, pelo lugar social que ocupa.

ANEXO I – Resumos (cont.)

Como traduzir o olhar? A resposta a esta pergunta remete-nos à necessidade humana da rememoração, da retomada pela palavra de um passado que sem isso desapareceria em silêncio e esquecimento. A narrativa (Gagnebin, 1994), sua multifacetada ação, faz-se registro e presentifica, pela palavra, pela imagem, aquilo que é e está ausente. Amarra fios rompidos, rebobina séculos, assinala lembranças e esquecimentos. Constrói-se por ausências, silêncios e pequenas aparições.

O importante para o autor que rememora não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração (...) pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois (Benjamin, 1985, p. 37).

Por isso, talvez, seja sempre adequado complexificar aquilo que se apresenta aparentemente simples e desconfiar daquilo que tanto supomos conhecer, daquilo que nos constitui como mulheres e homens do presente, inscritos com a sensibilidade deste tempo.

Assim, este trabalho tem o propósito de rememorar um autor pouco estudado pela educação física brasileira. Trata-se de uma primeira aproximação com a obra de Georges Hébert, oficial da Marinha Francesa que elabora um detalhado e polêmico trabalho sobre a educação do corpo no princípio do século XX. A vida e a obra de Hébert, que nasce em 27 de abril de 1875 em Paris e morre no dia 2 de agosto de 1957 em Deauville, permitem conhecer um pouco dos caminhos trilhados pela educação física neste período.

Filho de uma família burguesa que habitava o número 95 do Boulevard Saint-Michel, Hébert logo deixará tanto a casa paterna quanto esse bairro efervescente para viver, desde os sete anos, em uma escola cristã de irmãos, no bairro de Passy. Desta escola ele segue para o Liceu de Cherbourg, onde prepara seu ingresso na Escola Naval, na qual será admitido aos 18 anos de idade, em 1893, após receber uma formação em “matemáticas especiais”. Parece que Georges Hébert conheceu, desde sua infância, uma vida em coletividade, vida que suportaria no curso de sua adolescência e até sua quase maioridade. De certo modo, isso demonstra o quanto o interesse geral significa para ele (Bui-Xuân, Gleyse, 2001, p. 129).

Sua obra é pouco citada no Brasil, mas a Revista Educação Physica, primeiro periódico específico da área, que aqui circulou entre os anos de 1932 e 1945, publica trechos de sua obra, traduzidos numa seção denominada Filosofia da Educação Física. Estes textos revelaram-se como fonte histórica singular à medida que a pesquisa foi seguindo seu curso e o aprofundamento na obra permitia novos questionamentos sobre o chamado “Método Natural” método que apresenta indícios de um pensamento que buscou elaborar, com precisão, saberes e práticas voltados a um projeto social de educação do corpo e da importância da natureza nesta educação.

O projeto educacional de Hébert tomava como princípio o retorno à natureza, o modo de vida simples de povos que possuíam outros hábitos de vida, que habitavam terras distantes e desconhecidas e eram por ele chamados de “primitivos” ou “selvagens” (Hébert, 1941a, p.1), assim como a crítica ferrenha à especialização esportiva ou “taylorização de movimentos”, conforme sugerem as análises de Cambier (1930, p. 441).

É, portanto, da observação das relações dos homens com uma natureza formadora, sempre boa e generosa, fonte perene de virtudes, idéia que perpassa civilizações, que Hébert retira os elementos de sua proposta de educação do corpo.

O homem em estado natural, o selvagem, por exemplo, obrigado a conduzir sua vida ativa para prover suas necessidades e assegurar sua segurança, realiza seu desenvolvimento físico integral vivendo ao ar livre em estado de quase nudez e executando unicamente exercícios naturais e utilitários que são aqueles de nossa espécie e para os quais nosso corpo é especialmente criado e organizado. (...) Este retorno à atividade física nas condições as mais naturais possíveis constitui aquilo que chamamos de Método Natural.

De modo mais amplo, pode-se afirmar que suas idéias se inserem no movimento pedagógico do começo do século XX em que se encontram o sincretismo de Claparède, o globalismo de Decroly, entre outros que reagiram contra as psicologias e pedagogias analíticas. Contudo, a forte inspiração deste movimento no qual se insere a obra de Hébert foram as teorias de Rousseau.

Talvez fosse adequado observar que Hébert propõe um retorno à natureza, mas um retorno racional e plenamente adaptado à vida urbana e civilizada das cidades européias às primeiras décadas do século XX: nudez controlada e exercícios físicos utilitários.

O horror à degenerescência da raça e à decadência nacional recuperam o entusiasmo por uma educação física dirigida a toda a população (Vigarello, 1978, p. 162-190; 1993, p. 219-232; Sant’Anna, 1993, p. 243-265).

ANEXO I – Resumos (cont.)

O retorno à natureza, a importância do ar, dos raios de sol e de exercícios físicos ministrados com disciplina em plena natureza, acostumando os alunos a resistir ao frio, ao calor e a viver com sobriedade e frugalidade, compõem um quadro mais amplo de busca de uma higiene dos comportamentos.

Hébert apóia-se, sobretudo, na força moral e no utilitarismo estreito em que o culto ao dever é enaltecido, afirmando sempre a simplicidade de suas idéias (Hébert, 1941a, p. 4), nas quais desenvolvimento físico e cultura viril estão vinculados a uma cultura moral com acentuada exaltação de sentimentos nobres .

A cultura do corpo pelo corpo ou pela dominação por meio da força bruta jamais produziu o belo, o bom nem o educado ; ela traz sempre, hoje como ontem , os piores excessos morais e sociais .

Como oficial da Marinha Francesa, Georges Hébert viaja pelo mundo e observa a morfologia e os gestos de homens e mulheres que o seu senso comum ainda chama de selvagens. Os povos que observa e que converte em modelo de saúde e vigor físico são pertencentes, segundo ele, a todas as regiões do mundo: indianos de todos os climas, negros da África, indígenas da Oceania, entre outros. Todavia, Métoudi e Vigarello (1980, p. 20) afirmam que os povos que ele observa são, essencialmente, habitantes de terras africanas “protegidas” no início do século XX pela França.

O que exatamente observa Hébert ? A força, a resistência, a agilidade, o domínio do corpo em sua relação direta com a natureza, o desenho deste corpo que recorta o espaço em sua pujança e vigor e que ele associa com esfínges e estátuas antigas, trazidas como ideal de beleza e revelada, no presente, por este corpo “selvagem”. A esse respeito, as análises de Gilbert Andrieu são primorosas:

A beleza selvagem, a beleza antiga e a beleza de um organismo plenamente adaptado ao esforço que deve produzir são três imagens trazidas pela mesma análise. Contra a sociedade que a desfigura o retorno à natureza impõe-se(...) O belo natural surge como o contrário do belo civilizado, do belo fabricado, da moda, do belo convencional. Ele emana de uma adaptação perfeita as leis da natureza e esta adaptação é trabalhada essencialmente por meio de todas as formas de locomoção que o homem é capaz em estado de natureza. Os músculos desenvolvidos por meio de um trabalho natural dão ao indivíduo, integralmente desenvolvido, as formas que lembram aquelas dos atletas antigos, e muito particularmente, aquelas de um atleta ágil.

O belo natural é, em qualquer situação, um belo útil...

O Método Natural ancora-se em regras simples deduzidas da natureza e recusa-se a conceber a educação física como um problema complicado de biologia ou de fisiologia, ressaltando idéias ligadas ao instinto e à intuição: “O Método Natural é um vasto sistema de desenvolvimento e de manutenção física conforme a natureza, imitação daqueles seres primitivos agindo pelo instinto e pela necessidade” . Esta afirmação de Hébert revela quase que uma crença na natureza em si, pois, como afirmam Métoudi e Vigarello, para ele a natureza não é nem o lugar da experiência, nem o lugar de verificação objetiva. Ela não é nem mesmo o tema de um verdadeiro conhecimento. Ela é valor ativo. Ela fala: é suficiente abandonar-se ao instinto e à intuição(...) Imitação do selvagem, instinto e intuição tornam-se as chaves de toda conceituação deste método: Hébert é um apologista da anti-ciência” .

Como observa Delaplace (2000, p. 22-30), Hébert vai deduzir da natureza todas as qualidades físicas a serem desenvolvidas e vai ancorar-se na cultura européia dos anos de 1920 e 1930, utilizando o mito do selvagem como justificativa posterior de seu Método Natural, que repousa sobre uma recomposição de elementos arquetípicos como a água, o ar, o sol.

Talvez seja difícil afirmar que o Método Natural tenha sido implantado de forma pura em outros países, como o Brasil, onde as referências a Hébert se limitam a pequenas descrições de seu trabalho em alguns manuais de história e/ou filosofia da educação física (Azevedo,s.d.; Marinho,s.d.; Ramos,1944, 1982; Bonorino, 1931, entre outros). Porém, é possível afirmar que suas idéias centrais, tais como o retorno racionalizado à natureza, a importância das atividades físicas ao ar livre, a crítica à especialização esportiva (Hébert, 1927, p. 4-5), a existência de “movimentos naturais”, habilidades e capacidade naturais e instintivas, constituam permanências no tempo histórico e façam-se presentes até os dias de hoje, renovadas pela sensibilidade do presente.

ANEXO I – Resumos (cont.)

GEORGES HÉBERT NA REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA

Nos números deste periódico consultados, foram encontrados cinco textos de Georges Hébert publicados nos anos de 1941, 1942 e 1943. Na verdade, trata-se quase totalmente de capítulos de livros de Hébert que foram traduzidos e aos quais não se faz qualquer referência. Este é o caso, por exemplo, dos “artigos” intitulados “Os perigos físicos do esporte”, e “Os perigos sociais do esporte”, publicados, respectivamente, nos volumes 57 e 58 da Revista que circulou no ano de 1941. Estes “artigos” são, na verdade, os capítulos IV e V do livro escrito por Hébert sob o título *Le sport contre l'éducation physique*, publicado em 1925¹⁰. A Revista publica-os muito tempo depois (1941) e não faz qualquer referência à fonte de onde foram retirados, o que faz pensar, em um primeiro momento, que Hébert os escreveu especialmente para este periódico. Outro exemplo pode ser encontrado no “artigo” intitulado “Os deveres físicos do homem”, publicado no volume 76, que circulou no Brasil em 1943. Esse é um tema recorrente na obra de Hébert, quase que um fio condutor de suas propostas educacionais e um material que pode ser encontrado fartamente em sua obra *La culture virille...*, cuja primeira edição data de 1913¹¹ e cujo “artigo” reproduz o capítulo I da referida obra, intitulado “Deveres físicos e gerais do homem”. Neste caso, também, a Revista não faz qualquer alusão à obra, publicada muito tempo antes.

O conteúdo destes textos, quase sínteses do pensamento hebertista, abarcam temas polêmicos como, por exemplo, a crítica à especialização esportiva e ao esporte espetáculo, assim como ao termo educação física, fervorosamente defendido por Hébert como o mais adequado para designar o trabalho de educação do corpo voltado ao conjunto da população, escolar ou não. Esses temas vinham sendo objeto de sua atenção e faziam parte não só das reflexões encontradas em seus livros, mas, também, da *L'Éducation Physique Revue Scientifique et Critique*, periódico no qual escreveu inúmeros editoriais, artigos e onde exerceu o cargo de presidente do Comitê de Redação.

Hébert é um crítico de toda especialização esportiva, e para ele a concepção esportiva predominante no tempo em que viveu

(..)é individualista e egoísta no sentido de que ela sacrifica a massa em detrimento do indivíduo; enfim, é quase imoral, socialmente falando, a especialização esportiva estimula seguidamente, por meio do trabalho espetacular contínuo, os jovens a vender seus músculos¹².

[Assim]o esporte, sobretudo o esporte não utilitário, não pode ser suficiente para assegurar o desenvolvimento integral do corpo (Hébert, 1918, p. 27).

O esporte de sua época, em sua visão, compõe o quadro de decadência moral, de indolência, pois foi desviado de seu fim utilitário e degradado pelo dinheiro e pelo espetáculo.(Hébert, 1942, p. 12)

Referindo-se especificamente aos “perigos sociais” (Hébert, 1941b, p. 10, 11, 66, 67) e “perigos físicos” (Hébert, 1941c, p. 10, 11, 61, 62, 63) do esporte, Hébert tece exaustiva crítica ao esporte de competição. Como “perigos sociais”, acentua o abandono da compreensão da atividade física como promotora do bem comum, o culto ao individualismo e à performance para bater o último recorde, a falta de ordem e a ausência de disciplina. Desta última, para ele, nasce o exibicionismo desordenado e o espetáculo esportivo, em que os “Os Jogos Olímpicos apresentam-se como uma feira internacional do músculo, sem alcance educativo” (Hébert, 1941b, p. 11). Em sua visão, o esporte como espetáculo transporta a sociedade para uma “época semibárbara” na qual a força puramente física é enaltecida (Hébert, 1941b, p. 66).

Para Hébert, o esporte espetáculo gera o profissionalismo e o amadorismo marrom, “grande chaga do esporte” (idem, ibidem), pois aqueles que o praticam não o fazem para assegurar e desenvolver sua saúde, mas sim para ganhar dinheiro. Este modo de ganhar a vida desvia a juventude de uma compreensão mais

ampla sobre o valor do trabalho, fazendo-a crer ser o esporte mais lucrativo para assegurar sua sobrevivência.

Mas o esporte, pelo modo como é praticado, causa ainda um outro mal à juventude, afirma Hébert, pois sua “prática atual” traz prejuízos aos estudos por excitar em demasia as atividades vividas pelos adolescentes, tornando-os objetos de paixões fanáticas pelas façanhas esportivas e pelos recordes inúteis.

A estes perigos sociais somam-se aqueles de natureza física (Hébert, 1941b, p. 10, 11, 61, 62, 63), como a especialização, que gera “uma falsa concepção do ser forte” (Hébert, 1941c, p. 10), como a ausência de moderação, pois o esportista é sempre movido pela idéia de ir mais longe, ser mais veloz (idem, ibidem), ou, por exemplo, a ultrapassagem dos limites das próprias forças, a ausência de ritmo, de dosagem e de regulação do esforço. Desse quadro, segundo Hébert, resulta um indivíduo cuja resistência geral foi esgotada e cuja saúde foi comprometida. Para ele, só o “o esforço moderado ou econômico, quer dizer, ritmado segundo as possibilidades

ANEXO I – Resumos (cont.)

médias de cada pessoa, pode ser prolongado, sem perigo” (Hébert, 1941c, p.61). Cada indivíduo deve aprender, pela educação física, a conhecer o seu ritmo de trabalho físico, o esforço que é capaz de realizar, assim como a dosagem certa (idem, ibidem).

Desde sua origem, a fórmula esportiva mostra-se falsa moralmente, fisicamente e pedagogicamente; moralmente, ressaltando certos defeitos (em particular, a vaidade, a enganação, a brutalidade) que devem, ao contrário, ser fortemente contidas entre os jovens; fisicamente, forçando aos concursos e campeonatos os adolescentes ainda não desenvolvidos por meio de uma educação física geral; pedagogicamente, uma vez que se dirige apenas a um grupo muito pequeno de indivíduos já fortes por natureza para figurar nos eventos em lugar de

executar um trabalho para toda a massa .

A essas reflexões polêmicas em torno de temas complexos Hébert agrega outro, qual seja, o da necessidade de precisão terminológica entre os termos educação física, esporte e ginástica (Hébert, 1941d, p. 10), com o objetivo de diminuir as confusões e esclarecer, verdadeiramente, os “deveres físicos do homem” que, para ele, são aqueles que contribuem para conquistar uma “moralidade física” cuja fórmula é bastante simples: “desenvolver-se e conservar-se;(…) em se desenvolvendo, torna-se forte, em se conservando, permanece forte, possui a energia e o entusiasmo e desfruta de uma perfeita saúde” (Hébert, 1943, p. 27).

Ao defender uma vida sadia, Hébert faz duras críticas aos médicos, considerando-os pouco preparados para pensar as problemáticas educativas em geral e aquelas concernentes à educação física em particular, seja ela escolar ou não. Para ele, “a educação física da juventude é, antes de tudo, uma questão pedagógica e não fisiológica e menos ainda médica”. Sua preocupação é com uma educação integral e não com a domesticação que considera ser própria do esporte especializado, dos seres que não mais são formados no contato direto com a natureza, o sol e o ar puro. É para isto que deve servir a educação física. Hébert afirma que “(...) não faria sentido seguir a expressão de um [de seus contemporâneos] de que a ginástica cessou de ser uma operação de “endireitar e adestrar corpos” para tornar-se ‘remédio’. Façamos ‘homens’ e não produtos de laboratório” (idem, p. 87) .

Sua argumentação sugere que o funcionamento dos órgãos influencia a vida moral, o ardor e o entusiasmo em viver uma vida sã, que não é mais que aquela plena de atividade, de ação, uma vida que nega, radicalmente, a ociosidade: “todos os prazeres passivos ou artificiais não deixam mais que o tédio e precipitam a destruição da saúde” (Hébert, 1943, p. 27).

Novamente aqui encontramos Rousseau, para quem uma verdadeira educação exige que o aluno “trabalhe, que aja, que corra e que grite, que, esteja sempre em movimento; que seja homem pelo vigor e em breve o será pela razão”(Rousseau, 1992, p. 111). Atividade e movimentação constantes não devem, contudo, limitar-se ao desenvolvimento atlético, ao culto do músculo, pois “o corpo não é, com efeito, senão o templo da alma e o servidor do cérebro” (Hébert, 1943, p. 27).

EDUCAÇÃO FÍSICA E VIDA AO AR LIVRE: UMA HIGIENE DOS COMPORTAMENTOS?

Nas publicações de Hébert encontradas na Revista Educação Physica, é possível identificar a educação física, a ginástica e o esporte, este quando apartado dos “vícios” em que está mergulhado, como um acervo de saberes e práticas voltados para um projeto de educação do corpo. Um projeto que expressa uma concepção de limpeza não só corporal, mas também moral e social, comendo, assim, um quadro mais amplo de higiene dos comportamentos. Neste projeto, a natureza é provedora e fonte perene de bem-estar. Nele, também, homens e mulheres, quando sadios e cultivados física e virilmente por uma adequada educação física, possuem predisposições “naturais” para a moralidade (Hébert, 1943, p. 28). Hébert trabalha sempre com oposições entre o bem e o mal ou entre virtudes e vícios encarnados nos saberes e práticas que analisa, na educação do corpo que propõe.

Idéias moralistas, naturalização das práticas sociais, oposições entre vícios e virtudes, retorno à natureza, ela mesma enquadrada em uma concepção própria do período em que Hébert viveu e escreveu sua obra, período atravessado por movimentos naturistas tanto médicos quanto pedagógicos, período em que a natureza selvagem esteve na moda, conforme afirma Delaplace (2000, p. 82). Período em que a vida selvagem é vivenciada também no escotismo, um movimento de forte caráter moral e vinculado aos ideais expansionistas do colonialismo europeu do início do século XX (idem, p. 79).

ANEXO I – Resumos (cont.)

Hébert acentua, em suas propostas de educação, a necessidade de ser forte, definindo que “ser forte” significa se desenvolver de uma maneira não só completa, mas completa e útil. A força do “selvagem”, tratado pelas teorias científicas do século XIX como pertencente a “raças inferiores”, é resgatada como modelar para o desenvolvimento do homem e da mulher urbanos e, assim, redimido, pelas virtudes que possui. Sua obra combina o fascínio pela potência misteriosa de populações exóticas com processos “científicos” de apropriação de suas forças “ocultas”, pela imitação de seu modo de vida, de sua condição de existência.

Seria esta a razão da pouca penetração de sua obra no Brasil, país que desejava “embranquecer” e cuja elite buscava imitar comportamentos, hábitos e atitudes do mundo europeu, identificando-se mais com a ginástica sueca¹⁴, rigorosamente científica e seguidora de modelos europeus? Ou isso se devia à atitude um pouco desdenhosa de Hébert em relação ao processo de afirmação científica vivido pela educação física européia ao longo do século do século XIX¹⁵, de certo modo secundarizado quando enaltece o instinto como o grande guia de nossa existência ou, então, quando critica a inclusão de enfações desenvolvimentos de análise muscular, uma vez que, para ele, as “atividades vitais são feitas de exercícios naturais e utilitários e para os quais nosso corpo é especialmente construído”?¹⁶ Essas indagações não podem ser respondidas no âmbito deste trabalho, mas indicam caminhos possíveis para pensar problemáticas contemporâneas acerca das práticas corporais; as ausências e os silêncios são férteis indícios para pensar e escrever a história.

Talvez a busca de um retorno racional à natureza adaptado à vida em sociedade, e mais precisamente à vida em sociedades urbanas, empreendida por Hébert toque sensibilidades do presente, ecoe em nossa imaginação contemporânea. Os chamados esportes radicais, nos quais a natureza, para a maioria daqueles que os praticam, é tão-somente um meio (mais um) para obter uma sensação, merece uma análise mais apurada e abrangente. A natureza é, para a prática desses esportes, completamente domesticada para se tornar campo de novos velhos rituais revisitados e vendidos como poderosos elixires anti-stress, como as novas fórmulas de educação da vontade daqueles que podem pagar. A aventura, tal qual a natureza selvagem na época de Hébert, está na moda, e a “natureza” oferece os ingredientes para viver esta aventura controlada/livre.

A título de conclusão, algumas indagações podem ser formuladas com base nas idéias aqui desenvolvidas; uma delas é: a rememoração da obra de Hébert poderia contribuir para uma reflexão sobre as práticas corporais realizadas na natureza e para uma compreensão mais ampliada das problemáticas ecológicas que dizem respeito a todas as formas de vida no planeta¹⁷?

Indagações, respostas, todos os dias as formulamos e buscamos, desesperadamente, em nosso desejo de acalmar nossas angústias, diminuir nossas misérias, tratar o corpo com humanidade. Talvez o que permaneça mesmo sejam as nossas expectativas, experiências, desejos e aspirações do presente a mobilizar nossas incursões sobre uma idéia de passado, sobre a descontinuidade da história, buscando conceder-lhe um sentido. Um sentido (Bloch, s.d.) que só o presente pode dar, pois é ele que determina as escolhas (Febvre, 1989, p. 19) dos lugares, das pessoas, das ações humanas que vamos tomar no tempo como testemunhos, como indícios e sinais tanto de aspirações como de tiranias e redenção de sociedades inteiras.

¹ Este método procurou distinguir-se das ginásticas analíticas, assim como da especialização esportiva. Ver a respeito Hébert, 1927, 1928, 1941a; Cambier, 1930, p. 437-489; Pereira, [s.d.], p. 443-486; Langlade & Langlade, 1986, p. 268-290; Laty, 1996, p. 263-266, entre outros.

² Hébert, 1941a, p. 1-6 : (...) l’homme à l’état de nature, lê saugage par exemple, obligé de mener une vie active pour subvenir à ses besoins et assurer sa sécurité, réalise son développement physique integral en vivant au grand air dans l’état de quasi-nudité et en exécutant uniquement les exercices naturels et utilitaires qui sont ceux de notre espèce et pour lesquels notre corps est spécialement bâti et organise (...) Ce retour à l’activité physique dans les conditions les plus naturelles possibles constitue ce que nous appelons la Méthode naturelle.”

³ Ver especialmente a obra Emílio ou da educação, 1992 e Discurso sobre os fundamentos da origem da desigualdade entre os homens, Mira-Sintra: Europa-América, 1976.

⁴ Hébert, 1941a, p. 15. Essas idéias de Hébert são fortemente influenciadas por Amoros, autor bastante lido, citado em suas obras com frequência. Ver, por exemplo, no livro La culture virile et les devoirs physiques de l’officier combattant, Paris: Vuibert, 1918.

⁵ Hébert, 1941a, p. 15: “(...) La culture du corps pour les corps ou pour la domination par la force brutale n’a jamais rien produit de beau, de bon, ni d’élévé ; elle mène toujours, aujourd’hui comme hier, aux pires excès moraux et sociaux ”.

ANEXO I – Resumos (cont.)

6 Andrieu, Méthode naturelle et beauté plastique. Spirales, UFRAPS, Lyon, v. 9, 1995, p.36 : “(...) La beauté sauvage, la beauté antique et la beauté d’un organisme pleinement adapté à l’effort qu’il doit produire, sont trois images portées par la même analyse. Contre la société qui enlaidit le retour à la nature s’impose.(...) Le beau naturel apparaît comme le contraire du beau civilisé, du beau fabriqué, à la mode, du beau conventionnel. Il découle d’une adaptation parfaite aux lois de la nature et cette adaptation se travaille essentiellement par toutes les formes de locomotion dont l’homme est capable à l’état de nature. Les muscles développés par un travail naturel donnent à l’individu, intégralement développé, des formes semblables à celles des athlètes antiques et tout particulièrement celles d’un athlète léger. Le beau naturel est en quelque sorte un beau utile...”

7 Hébert apud Métoudi e Vigarello, 1980, p. 21 : “(...)La méthode naturelle est un vaste système de développement et d’entretien physique conforme à la nature, imité de celui des êtres primitifs agissant par instinct et par besoin”.

8 Métoudi e Vigarello, 1980, p. 21 e 22 : “ (...) La nature n’est ni lieu d’expérience, ni lieu de vérification objective. Elle n’est même pas le thème d’un véritable connaissance. Elle est valeur active. Elle parle : il siffit de s’abandonner à l’instinct et à l’intuition. (...) Imitation du sauvage, instinct et intuition deviennent les clefs de toute conceptualization : Hébert est l’apologue de l’intuiscience”.

9 Para este estudo foram consultados 44 exemplares dos 86 disponíveis.

10 Trabalho com a 4a. ed., feita pela Vuibert, Paris, 1946, cujo exemplar se encontra no Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação física da UFRGS, coordenado pela profª. drª. Silvana V. Goellener, a quem agradeço o inestimável auxílio para a realização desta pesquisa, uma vez que este acervo acolhe parte significativa da obra de Georges Hébert existente no Brasil.

11 Trabalho aqui com a 12a. ed., publicada em Paris, pela Vuibert, em 1918 (minha biblioteca).

12 Hébert, 1928, p. 245: “(...)est individualiste et égoïste en ce sens qu’elle sacrifie la masse à l’individu; en fin est presque immorale, socialment parlant, en poussant trop souvent par le travail spectaculaire continuel, les jeunes gens à ‘vendre leurs muscles’ ”.

13 Hébert, La folie sportive, L’Education Physique Revue Scientifique et Critique, n. 1, p. 4, 1927, jan. Merece destaque, ainda, a estarrecedora estatística publicada por Hébert em que se pode ler: “Repita-se a exaustão: por detrás da fachada esportiva há 53% de inaptos ao serviço militar. Esta é a verdade brutal. De cada 100 jovens de 20 anos, há somente 47 que possuem um desenvolvimento considerado suficiente para poderem ser utilizados como reais combatentes. Isto significa, socialmente, que estes jovens podem ser considerados normais para constituir uma família e assegurar o advento da raça. Os outros 53 são (os enfermos recusados) os desacreditados, os macilentos, ou simplesmente os anulados fisicamente pala falta de uma educação física regular ao longo do período escolar ou pós-escolar. Le problème de l’éducation physique: le néant des jeux olympiques, L’Education Physique Revue Critique et Pédagogique, n. 7, p. 164, 1928.

14 Ver a respeito as preciosas análises de Andréa Moreno em sua tese de doutorado intitulada Corpo e ginástica num Rio de Janeiro: mosaico de imagens e textos. 2001. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Unicamp.

15 Tema desenvolvido em minhas pesquisas de mestrado e doutorado e publicadas respectivamente em: Educação física: raízes européias e Brasil, 1994 (2a.ed.2001) e Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX, 1998 (2a.ed.2002).

16 Ver a respeito as análises empreendidas por Métoudi e Vigarello, 1980, p. 23-24.

17 Ver a respeito o denso trabalho de Ana Márcia Silva. Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade, Campinas, Autores Associados, 2001.

REFERÊNCIAS

Livros/Teses

AZEVEDO, F. Da Educação física. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, [s.d].

BLOCH, M. Introdução à História. [s.l.]: Europa-América, [s.d].

BENJAMIN, W. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BONORINO, L., MOLINA, A. de M., MEDEIROS, C. M. de. História da educação física. Vitória: Imprensa oficial, 1931.

CAMBIER, M. La Méthode Hébert. In: LABBÉ, M. (Org.). Traité d’Éducation Physique. Paris: Gaston Doin, 1930. p. 439-489.

ANEXO I – Resumos (cont.)

DELAPLACE, J.-M. Georges Hébert, La Méthode Naturelle et L'Ecole (1905-1957). 2000. Thèse (Doctorat en Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives) - Université Lyon I, Lyon.

FEBVRE, L. Combates pela História. 3. Lisboa: Presença, 1989.

FRAGA, A. B. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, C. L. (Org.) Corpo e História. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 61-77.

FAUSTO, B. A Revolução de 1930. In: MOTA, C. G. Brasil em perspectiva. São Paulo: Difel, 1984.

GAGNEBIN, J.-M.. História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva/ FAPESP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

_____. Sete aulas sobre linguagem, memória e História. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GOELLNER, S. Bela, maternal e feminina. Imagens da mulher na Revista Educação Física. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas.

HÉBERT, G. L e code de la force. Paris: Librairie Vuibert, 1911.

_____. Le sport contre l'éducation physique. 4a. ed. Paris: Librairie Vuibert, 1946.

_____. La culture virile et les devoirs physiques de l'officier combattant. Paris: Vuibert, 1918.

_____. L'Éducation physique, virile et morale par la Méthode Naturelle. 2ª.éd. Paris: Librairie Vuibert, 1941a, t. I.

LANGLADE, A. & LANGLADE, N. de. Teoria general de la gimnasia. 2ª.ed. Buenos Aires, 1986.

LATY, D. Histoire de la gymnastique en Europe. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

MARINHO, I. P. Sistemas e métodos de educação física. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Def-Mes, 1952.

MORENO, A. Corpo e ginástica num Rio de Janeiro. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas.

PEREIRA, C. M. Tratado de educação física. Problema pedagógico e histórico. Lisboa: Bertrand, [s.d.], v.I.

RAMOS, M. M. Educação física. Porto Alegre: Globo, 1944.

RAMOS, J. J. Os exercícios físicos na história e na arte. São Paulo: Ibrasa, 1982.

ROUSSEAU, J.J. Emílio ou da educação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

_____. Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens. Mira-Sintra: Europa-América, 1976.

SANT'ANNA, D. B. de. Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. (Org.) Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SILVA, A. M. Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOARES, C. L. Educação física: raízes européias e Brasil. 2ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. Imagens da educação no corpo: estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX. 2ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

SOLA, L. O Golpe de 1937 e o Estado Novo. In: MOTA, C. G. Brasil em perspectiva. São Paulo : Difel, 1984.

VIGARELLO, G. Le corps redressé. Paris: Jean Pierre Delarge, 1978.

_____. Le sain et le malsain. santé et mieux-être depuis le Moyen Âge. Paris: Seuil, 1993.

Periódicos

ANDRIEU, G. Méthode naturelle et beauté plastique. Spirales. UFRAPS, Université Lyon, n. 9, p. 31-38, 1995.

HÉBERT, G. Os deveres físicos do homem. Revista Educação Física, v. 76, p.27-28, 1943. _____.

O esporte dentro da educação física. Revista Educação Física, v. 62/63, p. 12-14, 1942.

_____. L'Erreur sportive. L'Éducation Physique Revue Critique & Pédagogique, v. 8, p. 244-246, 1928.

_____. L'Évolution technique et pédagogique de la Méthode Naturelle. L'Éducation Physique.

Revue Critique & Pédagogique, v. 3, p. 148-152, 1927.

_____. Expressões técnicas de educação física. Revista Educação Física, v. 61, p. 10, 11, 61 e 62, 1941d.

_____. La folie sportive. L'Éducation Physique. Revue Critique & Pédagogique, v.1, p. 4-5, 1927.

_____. Médecin, haute-la! L'éducation physique de la jeunesse est avant tout une question pédagogique et non pas physiologique, encore moins médicale. L'Education Physique Revue Critique et Pédagogique”, n. 2, p. 84-87, 1927, avr.

ANEXO I – Resumos (cont.)

_____. Os perigos sociais do esporte. Revista Educação Physica, v. 57, p.10,11,66 e 67, 1941b.

_____. Os perigos físicos do esporte. Revista Educação Physica, v. 58, p. 10,11, 61,62 e 63, 1941c.

MÉTOUDI, M., VIGARELLO, G. La nature et l'air du temps. Travaux et recherches en education physique et sports. I.N.S.E.P., n. 6, p.20-28, 1980.

SANT'ANNA, D. B. de. Corpo e História. Cadernos de Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo, v.1, n.1, p. 243-266, 1993.

Resumo 6

HISTÓRIAS DE BUGRES E TIGRES:
CORPO E NATUREZA EM TERRAS CATARINENSES DOS OITOCENTOS

Ana Márcia Silva, Dra. UFSC

Célia Guimarães Perini, Ms. UNIVILLE

Márcia de Souza Pedroso Agostini, Ms. UNIVILLE

Este estudo, o qual fundamenta-se numa análise documental, busca estabelecer alguns elementos para compreensão do contexto interétnico que se estabelece no século dezenove em Santa Catarina, especialmente na sua região nordeste, um espaço-tempo marcado pela chegada de imigrantes de diferentes etnias, sobretudo os alemães que logo imprimem sua marca. Analisamos a ginástica como um dos elementos de constituição de sua identidade étnica, pautando-se pelo disciplinamento e dominação de sua natureza interna e o confronto com visões de corpo e natureza muito diferentes, por parte dos indígenas, em meio à floresta atlântica.

Não vai longe o contexto em que no “velho mundo” a representação brasileira era de uma selva e que parcelas de sua população tenham decidido construir aqui a sua vida, ao mesmo tempo em que contribuía, decisivamente, para com a “edificação” nacional.

Assumindo os limites de uma empreitada com esta ousadia, queremos compreender melhor as relações interétnicas que se estabeleceram no encontro de povos de três continentes em meio a um pródigo mundo natural, num momento fundamental para a configuração da chamada nação brasileira. Neste contexto vamos encontrar algumas bases para a forma de relação com a natureza que se tornou prioritária, tão exploratória e quase insustentável, mais ainda do que no continente europeu de onde provém boa parte dos imigrantes; este fato torna-se intrigante, já que neste confronto étnico havia povos como os indígenas com formas tão diversas de compreensão e representação do mundo. Queremos pensar acerca dos vários elementos reunidos no cenário de nossa história catarinense e de que modo criaram aquilo que Hobsbawm (2000, p. 13) chama de “dinamismo histórico”, ou porque, inversamente, estes elementos não conseguiram provocar um outro tipo de dinamismo que não este cujos desdobramentos presenciamos na atualidade. Pensar o mundo a partir do tecido da história pode nos levar a compreender as perspectivas daquilo que foi e as possibilidades daquilo que poderia ter sido.

Alguns destes elementos do passado podem nos auxiliar, também, na compreensão do presente em que vemos a ascensão de um certo trato com o corpo, como identificado por Silva (2001), e que em muito se aproxima daquela concepção de práticas corporais estruturadas na Europa do século XIX, tendo na ginástica uma expressão do desejo de disciplinar e controlar o corpo, tão poderoso quanto sedutor.

Neste sentido, consideramos que o século dezenove em terras do nordeste catarinense é exemplar para esta análise, ainda que seja periférico, justamente porque é nele que encontramos dados freqüentes de caça aos índios e animais mais selvagens, “bugres e tigres”, como denominados pelos imigrantes que chegaram a estas terras. Estes dados tornam-se mais evidentes por volta da metade daquele século, quando da chegada dos imigrantes europeus mais do norte, proibidos, pelo menos oficialmente, de terem escravos sob sua posse, fato que os levava pessoalmente a enfrentarem os desafios do desbravamento da natureza.

Tomamos a imigração alemã como o fio condutor no tecido de nossa história por nos chamar a atenção o fato de que, ao mesmo tempo em que se organizavam coletivamente para a abertura da mata e para as “caçadas”, o faziam também, para praticar sistematicamente a ginástica. A importância que atribuíam a ginástica confrontava-se com o preconceito que os luso-brasileiros apresentavam para com as práticas corporais e, neste contexto, ela tornou-se um importante elemento na constituição de sua identidade étnica. A disposição dos indivíduos em dar vida e sustentar esta prática em meio a um conjunto de desafios, nos lembra Bourdieu (1998, p. 83) ao indicar que se instaura “uma relação de pertença e de posse na qual o corpo apropriado pela história se

ANEXO I – Resumos (cont.)

apropriada, de maneira absoluta e imediata, das coisas habitadas por essa história”. Por esta via, somos levados a pensar em que medida os europeus, alemães em especial, trazem em sua “bagagem”, como nos diz Meyer (2000), uma nova racionalidade e uma nova representação corporal que se constituiu como um habitus em nós, brasileiros, porém, não sem tensão e sem resistência, sem a contestação e a transformação que nasce da cultura e do diálogo das muitas etnias que povoaram este país.

Nossa história inicia com a barca Cólón trazendo em seu bojo histórias de vida e ancorando nas proximidades da Ilha da Paz, quase na entrada norte da Baía Babitonga, seguindo até a Ilha do Mel, na mesma baía. Era cinco de março de 1851 quando aquela gente esperançosa e assustada dava início à sua aventura no Brasil. Esta aventura inclui a travessia da Lagoa Saguacú nas canoas do influente Coronel Camacho da cidade de colonização portuguesa chamada de São Francisco e situada na grande ilha em frente a esta baía. Estes imigrantes teutos tiveram sua bagagem carregada pelos escravos africanos deste coronel até pisarem o solo da planejada Colônia. A construção encontrada que serve de abrigo emergencial é um casebre construído pelos imigrantes franceses que já se encontravam pela região e eram oriundos de uma comunidade anarquista que havia sido organizada nas proximidades. Naquele momento, na margem direita do Rio Cachoeira a nordeste da Província de Santa Catarina, a saga destes pioneiros deu à luz uma cidade de nome francês – Joinville⁴ - e colonização germânica, em solo brasileiro, tendo outros colonizadores de origem européia por seus vizinhos.

Ao sul da baía da babitonga e próximo ao canal do linguado, hoje Araquari, vamos encontrar os índios carijós⁵, de tradição tupi-guarani e inúmeras técnicas que foram apropriadas, sobretudo pelos portugueses, tal como as cestarias empregadas para a pesca e a fabricação da cerâmica. A expressão desenvolvida por esta cultura indígena, não só na produção cerâmica, mas também nos adereços e no grafismo corporal, registrou alguns aspectos desta etnia quase dizimada quando da fundação da Colônia D. Francisca.

Até o início do século XVIII, temos notícias de expedições de caça aos índios em Santa Catarina, organizadas por políticos e coronéis catarinenses e por bandeirantes portugueses para o trabalho escravo na agricultura paulista de cana de açúcar, tal como Venâncio (1997) identificou na escravidão dos carijós para a extração do ouro em terras mineiras. Além de terem sido escravizados, estes gentios da terra foram vitimados por várias epidemias que acompanharam a chegada dos brancos a este litoral.

Mais a oeste, nas encostas da Serra do Mar, viviam os xokleng⁶, integrantes do grupo lingüístico Jê, tal como os kaingang. Lembramos, aqui, o que nos ensina um estudioso desta etnia (Santos, 1970, p. 159): “não se pode pensar assim que as tribos tinham um território definido, nem muito menos que elas formassem um único grupo local”. Neste momento em que contamos nossa história, o processo de colonização europeu tinha empurrado os nômades xokleng, fazendo com que eles se embrenhassem mais para o interior das florestas, como forma de proteção às caçadas e à escravização.

Neste momento, a imagem de natureza que predomina no Brasil, como nos diz Araújo (2001, p. 152-3), é aquela anterior aos seres humanos e na qual se inscreve “o fenômeno da vida”, evocando uma “fecundidade divina na terra”, o motor primeiro para o destino do país estava “perenidade dos ciclos da natureza” e não na força humana; imagem que, nas palavras deste mesmo autor, cederá antes do fim dos oitocentos, “a golpes do espírito positivo”. A compreensão de natureza aqui expressa, talvez, possa ser estendida ao âmbito do corpo e das práticas corporais muito mais próximas do universo dos rituais vinculados à religião e ao prazer, do que do desenvolvimento racional e sistemático das forças orgânicas e morais, tal como veremos se constituir na ginástica alemã.

Para que estes objetivos de força e moral pudessem ser alcançados, jovens e meninos dos vários cantos da Colônia são reunidos no galpão localizado no centro do Colônia D. Francisca. Pelo menos as terças e quintas-feiras eles vinham para a prática da ginástica, mesmo “nas noites frias de inverno, quando o vento gélido assoprava mais fortemente por entre a cobertura de palha do rancho, o instrutor se fazia ouvir: turma, em forma; três voltas pela Colônia, em passo acelerado, marche-marche!”. (Sociedade Ginástica de Joinville, 1958, p.37-9).

Era preciso que as sessões de ginástica para meninos fossem a noite para não atrapalhar os trabalhos na roça auxiliando aos pais; mais tarde, haveria também a escola para freqüentar, toda ela construída pelo esforço coletivo e na qual os elementos da cultura teuto-brasileira seriam constituídos e cultivados: a língua, os costumes, o canto, a ginástica e, principalmente, a religião deixada por Lutero. A sociedade ginástica era um dos pólos de convergência da vida na colônia, foco de encontro de diferentes gerações, onde a memória e a disciplina se exercitavam.

Desde sua chegada ao Brasil, a ginástica tornou-se um elemento cultural importante para estes colonizadores que haviam deixado a Alemanha em meio a uma campanha nacional por sua prática sistemática, as

ANEXO I – Resumos (cont.)

voltas com a unificação de seus Estados e recuperando-se dos desafios da empreitada bonapartista. Esta campanha tomava como base os ensinamentos de Johann Ludwig Jahn, um dos precursores da ginástica naquele país e que havia sido um líder nacional nas primeiras décadas do século, a partir da divulgação de seu Turnen. Naquele momento que os imigrantes se organizam para vir para o Brasil, a concepção de exercitação corporal de Jahn já havia sido profundamente alterada por um conterrâneo seu, Adolf Spiess, que propunha que cada aula de Turnen deveria ser uma “aula de ordem e disciplina” (Teche, 2001, p. 112), as quais seriam exigidas no serviço militar que aguardava a todos os jovens e meninos.

É interessante pensar a prática da ginástica num contexto em que o trabalho destes pioneiros teutos era intenso, de sol a sol, inclusive para as mulheres e crianças. Era “uma luta titânica pela própria subsistência nesta nova pátria”, como diziam os descendentes dos pioneiros. O contexto destes imigrantes era muito diferente daquele urbano que dá origem à ginástica no continente europeu que passa pelos dramas do trabalho industrial e da política nacional e internacional. O sentido para sua prática nesta nova terra é outro e está carregado de ambigüidades, inclusive porque a ginástica é colocada como a “única forma de recreação existente, e não podia ser desprezada, ainda mais por tratar-se de uma recreação de verdadeira utilidade”, como relatam estes mesmos descendentes (Sociedade Ginástica de Joinville, 1958, p. 37-41).

Talvez por isso e em meio à produção de sua subsistência, poucos anos depois da sua chegada estes imigrantes já haviam construído a Sociedade Alemã de Ginástica, uma das primeiras da América Latina. Compreendemos que o desenvolvimento da ginástica se inscreve num processo mais abrangente de construção do espírito alemão fora da Alemanha, uma única cultura constituída entre os alemães de diferentes regiões e peculiaridades que vivem, lá como aqui, um processo de necessária unificação. A colonização em solo brasileiro talvez pudesse reunir aqui, os diferentes estados que se encontravam divididos na Europa e a língua se constituía num dos elementos fundamentais para a construção desta unidade, já que nas escolas como em outros espaços públicos, todos falavam “o mais perfeito alemão padrão”, independentemente dos imigrantes terem vindo da Suíça, Saxônia, Pomerânia, Prússia ou de qualquer outro dos estados alemães, como relata um jornal de época (cf. Meyer, 2000, p. 45).

Gostaríamos de destacar a disciplina como uma das características deste método ginástico que é privilegiada na organização das atividades, especialmente, com as crianças e jovens. Nos parece que esta ginástica se inscreve num projeto de secularização da vida que mantém alguma relação com a ciência e seus pressupostos; porém, seus nexos mais visíveis são com a estruturação de uma conduta ascética que se pauta, entre outras coisas, por disciplina, rigidez e obediência às normas instituídas.

Racionalizar as atividades, excluindo de suas características o caráter de diversão, espontaneidade e criatividade parecem iluminar aquilo que se constitui na ginástica como uma prática corporal adequada para a constituição desta identidade étnica que se pauta nas palavras de Lutero. Nos escritos de Martin Lutero (Apud Meyer, 2000, p. 117) por ocasião da reforma protestante, os jogos, as corridas, a luta, assim como a dança, são “perda de tempo”; além de ter utilidade, era preciso que fosse praticada com muita ordem e disciplina, elementos que se coadunam com os ares positivistas que serão reforçados com o passar do tempo. Estas indicações acerca da prática da ginástica parecem mostrar alguma vinculação com a “atribuição de um significado religioso ao trabalho secular diário”, como nos mostra Weber (1999, p. 53). Vai-se acompanhando, paralelamente a isto, um processo que Seyfert (1993) chama de “caboclicização” dos imigrantes que se constitui a partir de sua assimilação de hábitos, linguagem e costumes da terra, o que, porém, não evitou um confronto profundo e violento entre as diferentes etnias.

Aos sábados, para além da ginástica, o encontro no rancho reunia os jovens e os adultos, sendo que os primeiros sentavam-se em volta de uma grande mesa, “enquanto que os ‘novos’ (a juventude) se acomodavam nos bancos de madeira situados ao longo das paredes, e aguçavam os ouvidos para acompanharem todos os lances das interessantes histórias de bugres e tigres, e os contos das passagens da vida” (Sociedade Ginástica de Joinville, 1958, p. 37).

Os encontros com os silvícolas foram muitos e desde o início de sua chegada em terras catarinenses. Para aqueles alemães, porta-vozes da civilização do velho mundo, os Xokleng são “bugres” e, portanto, “selvagens”. Aquele que chega a terra considera o nativo como o Outro, imagem reforçada pelos luso-brasileiros que já se situavam por aqui, e que tinham o poder de mando conferido pelas leis que eles mesmos fizeram.

O território utilizado por este grupamento de Xokleng é imenso, dado seu nomadismo e seus costumes, e já eram conhecidos extrativistas daquelas terras. Em seu modo de vida, adentrar as roças e moradias em busca de alimentos e objetos de serventia não se mostrava como distinto das demais coletas que fazia, mas geravam pânico entre os alemães que não tinham sido avisados de sua presença pela região, como nos fala Santos (1973, p. 64). A

ANEXO I – Resumos (cont.)

reinvindicação dos colonos junto ao governo da província, juntamente com suas doações para o financiamento, constituem os “batedores do mato”, eufemismo utilizado pelos documentos oficiais para se referir às tropas de bugreiros que corriam a região na caça aos índios.

Outras figuras de alteridade corporal tornam-se exóticos, senão inimigos. O que se deseja não é uma natureza desconhecida e por isso temerária, seja daquele ser silvícola ou mesmo do negro, seja daquela onça ou da floresta; deseja-se descortinar o plano do cultivado, do conhecido, traço marcante de um povo que se torna porta-voz de uma civilização material e que se interpõe ao obscurantismo da natureza deste continente. Uma compreensão possível destes indicadores que fomos recolhendo no cenário analisado é a de que as características da significação de corpo sejam similares, se não as mesmas, àquelas que caracterizam a significação de outros seres e elementos da natureza. S. Cipriano, antigo morador do Vale do Itajaí, expressa, talvez, a compreensão de natureza dos colonizadores como seu pai, ao chegar por estas terras nos oitocentos: aqui “não havia nada, não morava ninguém, só tinha mato, onça e bugre” (In Machado, 2001, p. 13).

Para os índios da linhagem jê como os xokleng, no entanto, ocorre não só a consideração pela existência dos elementos da natureza como ocorre uma continuidade, porém não de indiferença, entre eles, os animais, os minerais, as árvores, os mortos..., e ainda, todo o humano é considerado um parente, com seu pertencimento à família, ainda que isto não garanta que todos os seres humanos sejam pessoas; como nos diz Souza (2001, p. 70) “...aquilo que faz a identidade dos membros do grupo como (mais ou menos) humanos, é a mesma coisa que faz de todos eles, (mais ou menos) parentes. Mas não é a mesma coisa que faz deles pessoas...”, onde os estrangeiros não eram consideradas pessoas e talvez, também não fossem humanos, mostrando uma forma de concepção humana e organização social muito diferente entre os xokleng. É preciso, porém, considerar que todos estes atributos, vivos, humanos e parentes, não são fixos e permitem gradações em sua atribuição.

Esta mesma autora nos diz que a cosmologia destes povos contém a expressão karõ, princípio da vida que habita o corpo, mas que não se confunde com ele e que pode, momentaneamente, nos sonhos e doenças, abandoná-lo; este princípio vital está presente em tudo que é animado, como os outros seres da natureza, os alimentos, e alguns objetos materiais.

Estes elementos da cultura dos xokleng nos ajudam a compreender alguns costumes presentes em seu modo de vida e o contraste presente no confronto com os imigrantes teutos, estes, por sua vez, com sua lógica de organização social bastante diferenciada. Enquanto a derrubada da madeira de lei propicia a construção das casas numa arquitetura típica que estes colonos vão constituir aqui, em terras brasileiras, os acampamentos dos xokleng são feitos em meio à mata, juntando-se em torno da matriarca onde quer que ela pare para descansar, soltando seus apetrechos de cozinha, como Santos (1973, p. 33) nos esclarece. Os laços estabelecidos pelas relações de pertencimento, dos vivos, parentes, e deles na relação extrativista com toda natureza habitada pelo karõ, nos dão elementos para melhor compreender sua impossibilidade de conceber a propriedade privada constituída pelos colonos.

A conexão com a morte, também se mostra de forma peculiar para os xokleng, já que os seres da natureza podem ser morada dos mortos, estes que vieram antes e que construíram tudo que se têm; uma construção social que se mantém porque seus efeitos são sentidos no tempo presente (Souza, 2001, p. 84). A morte não é condição fácil de descanso ou repouso, porque sem o corpo, a pessoa fica sujeita a todo tipo de transformações, o que gera uma outra relação com a morte, assim como com toda natureza, esta que não é sequer concebida como algo em si, diferente da vida. A compreensão de morte para os Guaranis, caminha nesta mesma direção, pois para eles “um cadáver não é uma entidade completamente inerte”, a forma como o corpo é manipulado depois da morte, exige cuidados especiais, pois têm conseqüências para os vivos e “mesmo espicaçado pode continuar atuando socialmente” (Catafesto de Souza, 2001, p. 449).

Ainda no que diz respeito ao corpo, os estudos antropológicos mostram que sua concepção apresenta os mesmos fundamentos dos índios amazônicos e não se coloca como “sinônimo de fisiologia distintiva ou morfologia fixa” como indicado por Viveiros de Castro (1996, p.128), mas sim do corpo como reunião de “afetos, afecções ou capacidades que singularizam cada espécie de corpo: o que ele come, como se move, como se comunica, onde vive, se é gregário ou solitário”, o que implicaria dizer, como aponta Souza (2001) que o corpo só se faz corpo sendo “corpo de parente”, com o parentesco se inscrevendo no corpo. Símbolos como o tembetá, adereço posto no lábio dos meninos depois dos dois ou três anos de idade, e a tatuagem, feita na coxa da menina, marcam momentos de paternidade e maternidade cerimonial, além daquele do corte do cordão umbilical, e marcam a inscrição de “uns nos outros”, daqueles “que se amam”, e que tem, por isso, uma “condição compartilhada” (Souza, 2001, p. 89). A humanidade é para os xokleng, não uma condição natural, mas resultado

ANEXO I – Resumos (cont.)

de uma condição social, portanto de uma subjetividade, que deve ser ativamente construída e que tem no corpo uma referência positiva fundamental.

A centralidade do corpo e das representações corporais para estas etnias indígenas, como para todas as sociedades jês e a profunda vinculação do corpo individual com o corpo social (Seeger, Da Matta & Viveiros de Castro, 1987), contrastava com a centralidade da razão e com a configuração individualista que prevalecia entre as etnias provenientes da moderna Europa, no momento de seu encontro neste cenário que apresentamos. Os elementos que constituíram este contraste geraram representações e práticas corporais de natureza muito diferentes entre estas etnias, assim como costumes muito diferentes de frente a aquilo que chamamos de natureza, ainda que não devamos desconhecer as diferenças entre cada uma delas ao contrapor as etnias indígenas àquelas de origem européia.

Como nos alerta Latour (2001, p. 38), não podemos pensar que sua relação seja oposta a dos europeus modernos que construíram uma categoria de natureza: “não vamos nos enganar: a relação não está no fato de nós, ocidentais, distinguirmos natureza e cultura, enquanto, se nós fossemos bons selvagens, nós as misturaríamos. Nós fazemos a distinção quando eles a ignoram”; tratando-se, então, de uma “ordem completamente diferente” de coisas que não devem ser contrapostas entre si.

A partir destes elementos que investigamos e do contraste que eles apontam, não se trata aqui de assumirmos um relativismo multiculturalista, não criticando e justificando as posições assumidas por estes grupos étnicos de nossa história, por conta das suas formas de compreensão da vida. O oposto também não nos parece correto, porque não se pode esconder a barbárie ou justificá-la sob este argumento de ordem étnica, nos paralisando frente a diversidade da história humana.

O que propomos é pensar que, a partir de diferentes representações de corpo e natureza como estas que aqui apenas indicamos, possam permitir fazer o que Latour (2001, p. 40) propõe como um ganho para todos, porque estas diferenças permitem “estabelecer ligações entre incomensuráveis”; compreender que tais configurações de mundo são incomparáveis, implica também desnaturalizar a história e perceber seu profundo enraizamento no corpo, no habitus que nos habita e nos constitui.

A partir do olhar da história e da etnicidade podemos refletir sobre a profunda distinção que se estabelece entre estes povos, os europeus e seus descendentes e os indígenas. Este olhar nos permite, também, perceber a força da configuração européia no processo de colonização brasileiro, tal como se desdobra em nós, no presente, permitindo-nos não só perspectivar o futuro, mas reconstruí-lo a partir de outro fio do tecido histórico.

⁴ Joinville era a sede administrativa da colônia que compreendia também os atuais municípios de São Bento do Sul, Schroeder, Corupá, Garuva, Araquari, Guarimirim, Jaraguá do Sul e Barra Velha.

⁵ "Carijó" era como os bandeirantes chamavam os índios de língua guarani que viviam no litoral catarinense nos séculos XVI e XVII. O termo "Carijó" provém de "Cari-yó", uma palavra derivada de "Cari", que significa "branco" em Tupi em alusão à pele mais esbranquiçada dos índios guaranis do litoral catarinense.

⁶ Esta palavra significa "aranha" ou "taipa" e, segundo os próprios índios, foi inventada pelos brancos, talvez por engano. Este grupo era também chamado de Botocudos, em função do enfeite labial (tembetá) usado pelos homens adultos. Apesar destas denominações, o grupo Xokleng não tem uma auto-designação e se utilizam para esta finalidade de termos como ânhele, que significa gente ou angoiká, que significa pessoa. Entretanto, o termo Xokleng foi incorporado pelo grupo no século XX em suas lutas políticas.

⁷ Com data oficial de fundação em 16 de novembro de 1858, a Sociedade Alemã de Ginástica de Joinville (Deutcher Turnverein zu Joinville), em funcionamento até os dias de hoje, é considerada a primeira neste continente, fato que merece ser melhor investigado como tem feito Teche (1996, 2001) no Rio Grande do Sul. ⁸ Esta perspectiva frente aos povos da terra não é exclusiva do europeu. Pike (2001) nos fala que para os americanos até as primeiras décadas do século passado, “... os Estados Unidos geralmente estão relacionados à cultura, enquanto a América Latina liga-se à natureza. De um lado, simbolizando a cultura capitalista dos ianques – caracterizada por sua luta para subjugar a selvageria e a natureza -, temos o homem branco, quase sempre representado pela figura do Tio Sam. De outro lado, simbolizando a América Latina, temos as figuras de índios, negros, mulheres, crianças e até a população de pobres excluídos: grupos que por hipótese, jamais puderam ostentar o ímpeto capitalista para controlar, dominar e superar a natureza” (Pike, 2001, p. 46). Por esta perspectiva, mesmo os latino-americanos das classes superiores são associados ao reino da natureza dada a sua destinação histórica de se relacionar com “seres tão subdesenvolvidos culturalmente”.

⁹ Em 1877 presenciou-se o primeiro dos grandes espetáculos propiciados pelo exotismo da “natureza humana”: A Exposição Etnológica realizada no jardim da Aclimação em Paris, a qual leva um milhão de pessoas para ver os

ANEXO I – Resumos (cont.)

“povos puramente animais”. Como nos diz Bancel (2002, p. 17) “o exotismo estava em voga”, o espetáculo funda-se na “ideologia da desigualdade racial”. Os negros, os indígenas, os Outros, “permitem fixar o estatuto da alteridade, da diferença, do outro em toda sua diversidade, hierarquizando-a”.

REFERÊNCIAS

- BANCEL, Nicolas. (2002). Zoológicos Humanos. Folha de São Paulo, cad. Mais, 14/07/02, p. 16-7.
- BÖBEL, Maria Theresa. (2001). Joinville e os pioneiros: documentos e história (1851-1866). Joinville: UNIVILLE.
- BOURDIEU, Pierre. (1998). O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CATAFESTO DE SOUZA, José Otávio. O que é, afinal, o corpo índio no Brasil meridional? limites modernos ao entendimento da lógica hierárquica indígena sobre o corpo. In LEAL, Ondina Fachel (org). Corpo e significado: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Editora da FRGS, 2001.
- GERTZ, René. A construção de uma nova cidadania. In, MAUCH, C. & VASCONCELLOS, N. (orgs). Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história. Canoas: Ed. da Ulbra, 1994.
- HOBBSAWM, Eric. (2000) O novo século. São Paulo: Companhia das Letras.
- JUNGBLUT, Airton. (1994) O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica. In, MAUCH, C & LATOUR, Bruno (2001). A ecologia política sem a natureza?. Projeto História, São Paulo (23), p.31-44, nov.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. (2001). Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano. In BRANCHER, Ana & AREND, Silvia Maria Fávero. História de Santa Catarina no século XIX. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. (2000). Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: Edunisc/Sinodal.
- PIKE, Fredrick. (2001). Natureza e cultura: América Latina, mitos e estereótipos nos Estados Unidos nas décadas de 20 e 30. Projeto História, São Paulo (23), p.45-73, nov. SANTOS, Silvio Coelho dos. (1973). Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos índios Xokleng. Florianópolis: Edeme.
- SCHADEN, E. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. (1974). São Paulo: EPU/EDUSP.
- SEYFERTH, Giralda. (1986). “Imigração, colonização e identidade étnica. (Notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil)”. Revista de Antropologia XXIX: 57-71.
- SEYFERTH, Giralda. (1993). Identidade camponesa e identidade étnica. Anuário antropológico, no 91.
- SEYFERTH, Giralda. (1999). Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. Maná, vol 5, no 2, p. 61-88.
- SEEGER, Armando, DA MATTA, Roberto & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. (1987). A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In OLIVEIRA FILHO, J. (org.). Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Marco Zero, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SILVA, Ana Márcia. (2001). Corpo ciência e mercado: reflexões acerca de um novo arquétipo da felicidade humana. Campinas: Autores Associados, Florianópolis: EdUFSC.
- SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE. (1958). Documento comemorativo do centenário da sociedade ginástica de Joinville. Joinville: Gráfica Modelo.
- SOUZA, Marcela Coelho de (2001). Nós, os vivos: “construção da pessoa” e “construção do parentesco” entre alguns grupos jê. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 15, no 46, junho, p. 59-96.
- TECHE, Leomar. (1996). A prática do turnen entre imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul: 1867-1942. Ijuí: Ed. Unijuí (Dissertação de Mestrado, Coleção Trabalhos Acadêmicos-Científicos).
- TECHE, Leomar. (2001). O turnen, a educação e a educação física nas escolas teuto-brasileiras, no Rio Grande do Sul: 1952-1940. Ijuí: Ed. Unijuí.
- VENÂNCIO, Renato Pinto. (1997) Os últimos carijós: escravidão indígena em Minas Gerais 1711-1725. Revista Brasileira de História. v.17, no 34.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. In: PACHECO DE OLIVEIRA. Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1986.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. (1986). Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. Mana no 2, vol. 2, p. 115-44.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Araweté: os deuses canibais. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

ANEXO I – Resumos (cont.)

Resumo 7

CULTURA CORPORAL E MEIO AMBIENTE: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Soraya Corrêa Domingues (autora) – aluna Mestrado em Educação UFBA/ LEPEL – CNPq/ PROGRAD

Andréa Xavier – aluna Graduação em Pedagogia FACHED/ UFBA

Bruno Celeste – aluno Graduação em Educação Física FACHED/ UFBA

José Ney dos Santos – Professor Especialista do Curso de Educação Física LEPEL/ UFBA/ PROGRAD

Raimundo Sodré – aluno Graduação em Pedagogia LEPEL/ UFBA/ PROGRAD

Silvana Rosso – Auxiliar Técnica de Pesquisa – LEPEL/ UFBA

Telma Cristiane de Aguiar – aluna Graduação em Ciências Naturais LEPEL/ UFBA

O presente trabalho trata de analisar as relações e contradições entre educação, cultura corporal e meio ambiente e suas expressões na organização do trabalho pedagógico na formação de professores, apresentando elementos sobre possibilidades de essência no trato com o conhecimento, exemplificando-as em um Projeto Piloto de Atividades Curriculares em Comunidades da UFBA – ACC 465 Cultura Corporal e Meio Ambiente que articula o ensino, pesquisa e extensão.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa localiza-se entre os que estudam a relação *Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica*. Parte da crítica aos conteúdos tratados nas práticas pedagógicas da Formação do professor de Educação Física, em especial a formação da UFBA – Universidade Federal da Bahia. Vincula-se com a Linha de Pesquisa Currículo e Tecnologias de Informação e Comunicação da FACHED/ UFBA que concentra interesses de estudos sobre as relações *currículo, trabalho, conhecimento, cultura e comunicação nos seus aspectos epistemológicos, históricos, sócio-políticos, e institucionais tendo a prática educacional como base instituinte*.

Trata particularmente da problemática da formação dos professores e da organização do trabalho pedagógico no trato com conhecimentos científicos referentes às relações e contradições “homem e meio ambiente” reconhecendo espaços, situações, tempos, saberes e conhecimentos significativos para a Ecopedagogia e o Ecoesporte.

Busca especificamente, contribuir com a construção teórica hoje incentivada a partir da LEPEL –Linha de Pesquisa Cadastrado e apoiado pelo CNPq - que investiga problemáticas significativas no campo da formação, intervenção profissional, produção do conhecimento e políticas públicas da Educação Física & Esporte e Lazer. Nasceu de atividades de ensino-pesquisa-extensão, desenvolvidas em escolas públicas de Salvador pelo coletivo do NEPEL (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Esportes e Lazer), criado em 1997.

As primeiras análises sobre a prática pedagógica do professor de Educação Física na escola pública apresentavam indícios de uma prática centrada em paradigmas questionados, cujo enfoque era a perspectiva da aptidão física, com ênfase nas dimensões biológicas do conhecimento e que privilegiavam o esporte com referência em práticas Olímpicas. Tais trabalhos foram publicados na Revista Monitoria da UFBA/ 1997 e confirmam tendências de estudos anteriores sobre o assunto como, por exemplo, as investigações históricas de Castellani Filho (1991), Guiraldelli Junior (1988), entre outros.

No ano de 2000 a UFBA viabiliza a inserção de um Grupo de Pesquisa no programa de pósgraduação em Educação de Educação. Tal inserção dá-se a partir da apresentação de pesquisa matricial da LEPEL, cujos eixos articuladores da produção do conhecimento são as problemáticas significativas da formação e intervenção profissional, produção do conhecimento e políticas públicas.

Na condição de auxiliar técnica de pesquisa, financiada pelo CNPq, venho participando das atividades de instalação e consolidação do Grupo de Pesquisa – da LEPEL – Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física & Esporte e Lazer, condição institucional que permitiu a constituição deste coletivo na Disciplina ACC EDC Cultura Corporal e Meio Ambiente.

O coletivo da LEPEL vem trabalhando com projetos pilotos de grande alcance, desenvolvidos pela UFBA, denominados ACC – Atividades Curriculares em Comunidades -, eles visam alterações curriculares nos cursos de graduação da universidade, através da incidência na organização do trabalho pedagógico.

ANEXO I – Resumos (cont.)

Entre tais projetos destacam-se iniciativas da LEPEL como, por exemplo, como já citado acima, os ACC 465 – “Cultura Corporal e Meio Ambiente” e EDC 456 “Ações pedagógicas interdisciplinares em áreas de reforma agrária”, “Projeto Agente Jovem” UFBA/ SETRADS que se desdobrou em projetos junto a Escola Aberta do Calabar, as experiências pedagógicas e tutorias desenvolvidas junto a disciplinas do curso de graduação - Ginástica Escolar, na Escola Estadual Evaristo da Veiga e Didática da Educação Física no CEFET. Estes são alguns Projetos com nos quais atuei na condição de Tutora e Auxiliar Técnica de Pesquisa.

Além dos projetos mencionados a LEPEL organizou visitas científicas entre as quais a do Professor Dr. JURGEN DIECKERT² da Universidade de Oldenburg - Alemanha. As discussões teóricas daí decorrentes acerca da formação dos professores frente às necessidades e exigências contemporâneas contribuíram para delimitar o presente estudo.

Para nos certificarmos delimitamos um estudo piloto nas Universidades do Nordeste do Brasil que mantêm cursos de Educação Física. Constatamos que nos 17 cursos existentes, praticamente não é introduzida tal temática e não existem disciplinas com tais conteúdos. Constatamos também que a produção do conhecimento sobre o tema no nordeste do Brasil é ínfima. Localizamos precisamente um trabalho na UFPE, desenvolvido pela professora Celi Taffarel na disciplina de SOCIOLOGIA DO ESPORTE e que trata justamente das relações e contradições entre “homem e natureza” e apresentou as possibilidades de temas como ecoesporte. Tal disciplina, analisada por nós, permitiu reconhecermos muitas possibilidades investigativas e elaboramos um texto sobre “*Ecoesporte: indicações curriculares para a formação de professores*”.

Tal trabalho foi apresentado em eventos científicos - Seminário Científico e Tecnológico de Educação Física (2000) – e, exposto na Reunião Especial da SBPC em Manaus (2001) cujo tema central foi Meio Ambiente. A aprovação em um evento da SBPC e as discussões e interesses suscitados nos estudos preliminares permitiram, visualizar um importante e relevante tema a ser discutido e aprofundado enquanto projeto investigativo. As contribuições de tais estudos poderão incidir na formação, tanto de professores em geral, quanto especificamente dos professores de Educação Física.

Hoje estamos desenvolvendo um projeto piloto de pesquisa-ação na disciplina ACC 465 – “Cultura Corporal e Meio Ambiente”, que conta com a minha participação na condição de tutora, do professor Ney Santos do Departamento III/ FACED, a estagiária do LEPEL: Terezinha Perin, os alunos da disciplina e a monitoria Silvana Rosso, juntamente com a Prefeitura Municipal de Vera Cruz/ Bahia/ Brasil e a associação de moradores de Matarandiba. As primeiras ações desenvolvidas já foram registradas, relatadas e sistematizadas nos relatórios finais, apresentados para a Pró-reitoria de extensão. E é a partir destas aproximações com a realidade pesquisada que nos perguntamos:

Como está configurado o trato com o conhecimento a respeito das relações e contradições entre cultura corporal e meio ambiente na graduação da FACED/ UFBA? Quais as possibilidades e limites dentro da organização do trabalho pedagógico da FACED/UFBA de tratarmos da inserção de tal temática na formação de professores e especificamente dos professores de Educação Física? Como organizar, implementar e avaliar experiências abertas inter-cursos de formação de professores, existentes na FACED – Educação Física, Ciências e Pedagogia -, para introduzir a problemática das relações e contradições entre “homem e natureza”?

Um dos pontos centrais do estudo é a crítica a organização do trabalho para daí criticarmos a organização do trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento, que se expressa atualmente em currículos fragmentados, extensivos e alienantes. Em outras palavras é a crítica as relações estabelecidas nas práticas educacionais e suas funções e objetivos no que concerne à socialização para o mundo do trabalho capitalista, onde as forças produtivas – força de trabalho, ciência e tecnologia e os meios de produção – entram em contradição com as condições do meio ambiente que vem sendo altamente explorado.

Vamos considerar as discussões que levam em conta análises sobre as relações sociais e as práticas educacionais, suas funções e objetivos no que concerne a sociabilização para o trabalho (Enguita, 1989). Analisaremos a educação como prática social que constrói, a partir de conflitos e contradições a socialização para as relações de trabalho. Partindo das relações econômicas do capitalismo onde, o trabalho humano vem sendo determinado historicamente pelas relações de exploração e de mais valia através do trabalho assalariado.

Essa relação homem-trabalho-meio ambiente, altamente alienante e alienadora, vem se intensificando, principalmente a partir da revolução industrial e ampliando a produção em larga escala e, conseqüente, aprofundando a exploração e exploração da natureza.

A respeito da alienação estamos considerando as contribuições de CHAÚÍ (2001, p.172-174) que nos apresenta três formas grandes de alienação existentes nas sociedades modernas ou capitalistas, a saber: a) alienação social – os homens não se reconhecem como produtores das instituições sócios-políticas e oscilam

ANEXO I – Resumos (cont.)

entre duas atitudes ou aceitam passivamente ou se rebelam individualmente; b) alienação econômica, na qual os produtores não se reconhecem como produtores e nem se reconhecem nos objetivos produzidos; c) alienação intelectual – resultante da separação social entre trabalho material e trabalho intelectual.

As discussões preliminares sobre currículo extensivo e intensivo são tomadas de Pedro Demo 2000 (p.116) que nos apresenta uma consistente análise sobre os limites de currículos fragmentado e extensivo e traz a proposta de currículo intensivo, onde a pesquisa, o ensino e a extensão trabalham juntos para a formação profissional.

Pretendemos com tal discussão reconhecer novas possibilidades de organizar o trabalho pedagógico e problematizar de forma interdisciplinar temas que se configuram como temas contemporâneos, necessários e que perpassam a formação de professores.

A transformação do currículo atual levando em consideração a organização do trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento, exige intensos trabalhos investigativos que abordem aspectos históricos, de produção do conhecimento e das políticas públicas, bem como possíveis da pesquisa-ação.

A alteração das bases teóricas apontando para currículo crítico que saia dos “muros” da escola e da Universidade utilizando espaços, tempos, implementos, recursos diversos naturais ou artificiais do Meio Ambiente atentando para as relações, conexões, contradições e contribuições entre saber, identidade e poder exigira pesquisas que envolvam coletivos que possam ser sujeitos da investigação.

Neste sentido, estou apresentando o presente projeto que deverá ser consolidado na dinâmica do trabalho na Pós-graduação em Educação/ UFBA, perspectivando uma ação impulsionadora para a reconceptualização do currículo de formação de professores.

RECONHECENDO OS ELEMENTOS CENTRAIS DA PROBLEMÁTICA

Os estudos de Enguita (1989) nos apontam que existem contradições entre educação e trabalho que se expressam, não de maneira mecânica e reprodutivista, mas sim por mediações, no interior do currículo das escolas.

A escola no seu papel de socialização para o trabalho capitalista e assalariado cumpre funções na realidade, acompanhada de uma série de conflitos, mediações, disfunções e processos entrópicos.

Tais conflitos, mediações e disfunções podem ser identificados nos Cursos de Formação de Professores, na organização do trabalho, no trato com o conhecimento, especificamente sobre cultura corporal e meio ambiente.

Os estudos de Reigota (2001), Guimarães (2000) Cascino (2000), Penteadó (2000) problematizam a questão da formação dos professores e a problemática do meio ambiente. Distinguindo-se pelas ênfases nos estudos, ora nas dimensões históricas, ou nas polêmicas, ou nos recursos metodológicos, os autores apresentam um elemento comum. Não é mais possível imaginar a formação de professores sem trazer com radicalidade a problematização das relações do “homem com o meio ambiente”.

Da idéia de progresso como sendo a exploração do trabalho humano e a exploração da natureza, hoje se coloca a necessidade de “salvar” o planeta.

Portanto, a problemática torna-se significativa porque é vital para a própria sobrevivência da terra enquanto meio ambiente em que a vida é possível.

O Esporte também veio sendo tratado ao longo dos anos como um elemento de “destruição” da natureza. De acordo com algumas posições tomadas em últimas reuniões sobre a proteção ambiental o esporte foi considerado dentre outras atividades humanas, como agressoras para a natureza e destruidora do meio ambiente. Desde 1992 quando da realização do Rio Eco o esporte foi considerado e reconhecido como poluente. Podemos identificar algumas problemáticas específicas da área: 1 - Os esportes ambientais não atendem as demandas e as necessidades das questões ambientais, mas sim da indústria produtora de artigos de esportes em geral; 2 - As práticas geralmente são muito agressivas como o desmatamento para a construção da infra-estrutura e a destruição de reservas por transportes de materiais necessários para a prática esportiva específica; 3- Nenhum comprometimento com áreas naturais mais sensíveis à destruição que outras mais resistentes a qualquer agressão; 4 - A ausência de consciência política na população em geral e mais especificamente dos praticantes de esportes; 5 - Medidas legais que garantam uma harmonia entre meio ambiente, a população local, a fauna e a flora; 6 - A escassez no monitoramento e fiscalização por parte dos órgãos responsáveis de áreas frequentadas por atletas naturalistas e praticantes de esportes radicais.

ANEXO I – Resumos (cont.)

As proposições de possíveis soluções para essas e outras problemáticas da área específica dos Esportes e Meio Ambiente devem ser construídas no processo do trabalho pedagógico e de pesquisa-ação entre o coletivo de alunos da graduação, mestrandos, doutorandos e comunidade local na disciplina – ACC 465 - Cultura Corporal e Meio Ambiente; investigada e consolidada em seminários, fóruns de discussão, mesas redondas com ações que devem ser locais. Sendo necessário conhecer, também, a situação geral da problemática ECOESPORTE no mundo e principalmente dos países que oferecem propostas mais “avançadas” na área do meio ambiente e esportes. Podemos identificar, na obra Desporto e Meio Ambiente (SILVA 1999):

1 – Aumento do interesse comum entre o governo o esporte e o meio ambiente para manter o ambiente sadio; 2– Os limites legais bem estabelecidos. Através do reconhecimento das políticas públicas nacionais sobre meio ambiente/ esportes e proposições de acordo com as demandas identificadas; 3- Monitoramento para proteção de áreas mais sensíveis e mapeamento para o uso de áreas menos sensíveis; 4 - A conscientização da população local e dos atletas que deve ser conquistada através da educação dentro e fora da escola; 5 - Criação de um conselho de ética do desporto e meio ambiente; 6 – Criação de um modelo que simbolize a relação homem natureza HOMO ECOLOGICUS respeitando seu corpo e estabelecendo limites; 7 – Identificação de ações e discussões do Comitê Olímpico Internacional que está aliando suas medidas e o seu discurso às idéias novas da ética ambiental e do desporto.

Em próprias palavras do Eckhard Meinberg

“...Nestes termos define-se nossa contribuição que enfatiza uma nova reflexão sobre a ética do desporto. Tendo o Homo Oecologicus como modelo é pertinente entender que as pessoas praticando desportos devem se comportar de modo a minimizar o conflito desporto-meio ambiente. E para que isso aconteça, a educação se faz necessária: a ética é dependente da pedagogia”. Eckhard Meinberg in Da Costa, 1997 p196.

Para tanto identificamos como prioridade de intervenção teórico-prático no curso de graduação, já que ao longo dos anos a Educação Física brasileira poucas vezes esteve articulada com projeto político pedagógico e social. A influência que teve através de sua história deixou a herança de uma Educação Física Biologicista e Funcionalista, sendo por isso um poderoso elemento de dominação ideológica do Estado.

Estamos hoje, vivendo em um planeta que tem vida e precisa ser cuidado. Os problemas ambientais estão aí tanto no meio urbano quanto no meio rural, ele faz parte de nossa sociedade capitalista globalizada, consumista e destrutiva. Os elementos e os conteúdos estão apontados como, significativos desta área e precisam ser trazidos para dentro da Universidade, mas especificamente na Formação dos Professores. O trato com o conhecimento na prática pedagógica deve caminhar na direção de propor ações que valorizem a cultura local no embate contra a política neoliberal de globalização, política que representa, um dos principais motivos de destruição do planeta.

Portanto o objetivo é construir possibilidades estratégicas para as problemáticas significativas identificadas na realidade investigada entre o meio ambiente e a Formação de professores.

A busca por soluções que preserve a natureza e garanta a vida Humana no Planeta deve começar pela conscientização, portanto, pela educação, com contribuições para a Formação Profissional do Professor de Educação Física da UFBA: articulando conhecimentos no campo da cultura corporal e do meio ambiente; oferecendo subsídios teóricos e práticos a respeito da problemática ambiental e da Cultura Corporal do Movimento Humano; e buscando intervenção política e pedagógica na área ECOESPORTE e Formação de Professores.

Assim a partir de uma perspectiva sócio-antropológica, pretendemos investigar até que ponto, o trato com o conhecimento curricular da FACED/ UFBA, está contribuindo para uma melhora significativa na ação pedagógica da referida área de conhecimento, Cultura Corporal e Meio Ambiente e diretamente na Formação de Professores, mais especificamente de professores de Educação Física da UFBA e como pode ser construída a pesquisa-ação no projeto piloto interdisciplinar do ACC 465 Cultura Corporal e Meio Ambiente, no sentido de propor o enfrentamento com as problemáticas significativas identificadas ao longo deste projeto.

Considerando tais elementos delimitamos como problema investigativo o seguinte: “Como está configurada a organização do trabalho pedagógico e o trato com conhecimento na Formação de Professores da FACED/UFBA, como estão sendo considerados os campos de conhecimento referentes à cultura corporal e meio ambiente e quais os limites e possibilidades de alterações?”.

Como hipóteses preliminares do trabalho estamos levantando o seguinte: As alterações presentes na organização do mundo do trabalho se fazem presentes no interior dos cursos de formação de professores, no entanto, tais alterações apresentam somente mudanças fenomênicas e não transformam a lógica do trabalho

ANEXO I – Resumos (cont.)

pedagógico, e ainda, que existem possibilidades de essência para alterações nos currículos de formação de professores. A exemplificação disto poderá ser constatada, provavelmente, no trabalho investigativo de Ações Curriculares em Comunidades. A temática “Cultura Corporal e Meio Ambiente”, será nosso fio condutor no trabalho empírico para tal discussão teórica.

OBJETIVOS

Gerais:

Analisar as relações e contradições entre educação, cultura corporal e meio ambiente e suas expressões na organização do trabalho pedagógico na formação de professores, apresentando elementos sobre possibilidades de essência no trato com o conhecimento, exemplificando-as em um Projeto Piloto de Atividades Curriculares em Comunidades – ACC 465 Cultura Corporal e Meio Ambiente.

Específicos:

- Levantar e analisar a literatura referente aos estudos sobre cultura corporal e educação que discutem as relações sociais e práticas pedagógicas e suas funções e objetivos no que concerne à socialização para o mundo do trabalho e suas relações com o meio ambiente.
- Analisar a organização do processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no concernente à socialização para as relações com o meio ambiente.
- Analisar as possibilidades de essência no projeto piloto de ações curriculares em comunidade no trato com o conhecimento Cultura Corporal e Meio Ambiente.

METODOLOGIA

O interesse em aprofundar os estudos na área de Meio Ambiente, Esportes e Formação de Professores da UFBA, mas especificamente dos professores de Educação Física partiu da necessidade de construir junto à comunidade pesquisada uma perspectiva inovadora de ação pedagógica significativa para a Formação de Professores respondendo as exigências e demandas sociais.

Através da Metodologia da Pesquisa-ação este estudo pretende levantar problemáticas significativas identificadas e sistematizadas pelo coletivo desta pesquisa: a comunidade, os professores, os alunos da graduação e da pós-graduação, no projeto piloto interdisciplinar e intercursos ACC 465 Cultura Corporal e Meio Ambiente, que tem como objetivo concretizar vivências, experiências e atividades em comunidade tratando do conhecimento específico da cultura corporal, esportes, educação e o meio ambiente. Elementos que devem ser tratados dentro do processo de Formação dos Professores de Educação Física da UFBA.

Identificamos a pesquisa-ação como possibilidade de ação concreta na realidade e que possa contribuir teoricamente para a construção do saber cientificamente elaborado.

Uma pesquisa em que o elemento chave para investigação seja justamente o componente cultural presente no cotidiano dos sujeitos pesquisados não pode, segundo ABIB (1997), abrir mão da interação e de uma participação mais efetiva por parte dos pesquisadores em relação aos pesquisados e ao contexto onde estes estão inseridos.

Essa interação implica em um contato mais direto, da graduação com a realidade pesquisada, na perspectiva de procurar interpretar de forma ampla a dinâmica, as relações que constituem seu dia-a-dia, apresentando as forças que impulsionam ou que a retém, identificando as estruturas de poder e os modos de organização de trabalho, buscando compreender o papel e a atuação de cada sujeito nesse complexo interacional, onde ações, relações e conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificados. A escola, espaço de investigação é, segundo ANDRÉ (1995), um espaço social onde se criam e recriam conhecimentos, valores e significados, é um terreno cultural de múltiplas relações.

Assim, para apontar um trabalho científico que atenda essas necessidades, a Pesquisa-ação, seria o método mais adequado, levando-se em consideração seus critérios de investigação científica, que terá como procedimentos básicos observação participante, entrevista intensiva, construção coletiva para as soluções de problemas identificados no processo de pesquisa, levantamento bibliográfico e análises de documentos. Procedimentos estes, que garantiram uma atuação dinâmica e precisa na busca da descoberta de novos conceitos, novas relações e novas formas de entendimento da realidade.

ANEXO I – Resumos (cont.)

Dessa forma, dentro da proposta de investigação, é pretensão desta futura pesquisa estudar a ação pedagógica na formação de professor UFBA, através do projeto interdisciplinar e intercursos ACC 465 Cultura Corporal e Meio Ambiente.

Para sistematizar os estudos serão necessários procedimentos investigativos entre os quais destacamos:

- Levantar, analisar e sistematizar o conhecimento acerca das relações trabalho & educação, funções, objetivos, concernentes à socialização para o trabalho e suas relações com meio ambiente.
- Levantar e analisar as práticas pedagógicas nos cursos de formação de professores da FAGED/UFBA, no concernente ao trato com o conhecimento sobre cultura corporal e meio ambiente, a partir de professores, alunos e administradores dos cursos.
- Planejar, implementar e avaliar um estudo piloto para analisar as possibilidades de essência de transformação na organização do trabalho pedagógico e no trato com o conhecimento a partir da problemática cultura corporal e meio ambiente. Portanto, analisar criticamente a proposição do projeto piloto – Atividade Curricular em Comunidade - ACC 465 – “*Cultura Corporal e Meio Ambiente*” para a formação de professores da UFBA.
- Como atividades para subsidiar os estudos vou levantar e analisar também os documentos, oficialmente registrados e publicados em Encontros e Fóruns Regionais e Mundiais, bem como as medidas governamentais e não-governamentais (ONG`s) na área de Meio Ambiente e Educação Física.

BIBLIOGRAFIA

- ABIB, Pedro. Abordagem Sócio Antropológica em Educação Física Escolar: Uma experiência em Escola Pública de Salvador, Dissertação de Mestrado em Educação, UFBA, 1997.
- ANDRÉ, Marli. Etnografia da prática escolar, Campinas, Papirus, 1995.
- CASSINO, Fábio. Educação Ambiental. Princípio, História e Formação de Professores. São Paulo, Ed SENAC SP, 2000.
- CASTELANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: A História que não se conta. São Paulo, Papirus, 1991.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo, ed Ática, 2001.
- COLETIVO DE AUTORES - Metodologia do ensino da Educação Física, São Paulo, Cortez, 1992.
- Da COSTA, Lamartine P. Meio Ambiente e Desporto. Uma Perspectiva Internacional. Org. Antônio Marques e Luiza Meirelles. Ed Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Portugal. 1997.
- DAOLIO, Jocimar - Da cultura do corpo, Campinas, Papirus, 1995.
- DEMO, Pedro. Educar pela Pesquisa. Campinas. São Paulo, 2000. (Coleção Educação Contemporânea, 2000)
- ENGUITA, Mariano F. A Face Oculta da Escola. Educação e Trabalho no Capitalismo; Tradução Tomas Tadeu da Silva. Porto Alegre. Artes Médicas, 1989.
- FREIRE, Paul. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- _____. Educação e Mudança, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- GADOTTI, Moacir. Pedagogia da terra. São Paulo, Petrópolis. 2000 (Série Brasil Cidadão)
- GHIRALDELLI JR., Paulo- Educação Física Progressista, São Paulo, Loyola, 1988.
- GUATARI, Félix. As Três Ecologias. Campinas. São Paulo, 1990.
- GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental. No Consenso um Debate? Campinas. Papirus, 2000 (Coleção Papirus Educação)
- LEFF Enrique. Epistemologia Ambiental. São Paulo, Cortez, 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos- Democratização da escola pública: Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, São Paulo, Loyola, 1985.
- PENTEADO, Heloísa Dupas. Meio Ambiente e Formação de Professores. São Paulo, Cortez, 2000. (Coleção Questões de Nossa Época).
- REIGOTA, Marcus. Meio Ambiente e Representação Social. São Paulo, Cortez, 2001 (Questões de nossa época)
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade. Uma Introdução a Teoria do Currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- TAVARES, Marcelo- Educação Física: as aparências não enganam mais, in Revista Brasileira de Ciências do Esporte, volume 17 número 2, 1996.
- THIOLENT, Michel- Metodologia da Pesquisa-Ação, São Paulo, Cortez, 1986.